

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL E PATRIMÔNIO
CULTURAL
MESTRADO EM MEMÓRIA SOCIAL E PATRIMÔNIO CULTURAL**



**MEMÓRIAS LINGUÍSTICAS DE JORGE SÉRGIO LOPES
GUIMARÃES**

DIOGO SOUZA MADEIRA

Pelotas,
2015

www.ufpel.edu.br/ich/ppgmp
Rua Lobo da Costa, 1877. CEP 96010-150. Pelotas, RS, Brasil. +55 (53) 3222.3209

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL E
PATRIMÔNIO CULTURAL
MESTRADO EM MEMÓRIA SOCIAL E PATRIMÔNIO CULTURAL**



Dissertação

MEMÓRIAS LINGUÍSTICAS DE JORGE SÉRGIO LOPES GUIMARÃES

DIOGO SOUZA MADEIRA

Pelotas,
2015

DIOGO SOUZA MADEIRA

MEMÓRIAS LINGUÍSTICAS DE JORGE SÉRGIO LOPES GUIMARÃES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial e último à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, Linha de Pesquisa Memória e Identidade.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Tatiana Bolivar Lebedeff

Pelotas, 2015

*Dedico esta dissertação às pessoas com quem eu tive o prazer de dialogar durante
a produção textual:*

Mirella Colonese Guimarães Nunes

Maria ReginaForin Tavares Pais

AGRADECIMENTOS

Sem dúvida,primeiramente, agradeço esse programa de pós-graduaçãoquefoi a melhor jornada acadêmica que já tive em minha vida. Durante esse período acadêmico aprendi muitas coisas e tomei muito café filosófico com os meus professores e colegas.

Ao PPGMP, que financiou minhas viagens a Belo Horizonte e ao Rio de Janeiro para obter informações concretas, pois sempre acreditou na minha pesquisa.

À Letícia, antiga coordenadora do PPGMP, com quem eu dialogo mais, o que significa que ela é uma pessoa bastante aberta.

Aos meus amigos, que trocaram ideias comigo a respeito de identidade e memória ao longo dessa minha jornada acadêmica.

À professora Tatiana Bolivar Lebedeff, que me orientou ao longo desses dois anos acadêmicos e que foi decisiva na escolha do método de pesquisa.Nossas divergências ideológicas sobre a surdez, no entanto, fortaleceram nossa relação, tanto acadêmica quanto pessoal, uma vez que nos conhecemos melhor dentro doPPGMP.

Aos meus familiares, por procurarem não me perturbar durante a produção textual desta pesquisa.

Em especial à minha mãe, que me deu a habilidade de escrever.

À minha filha, que serviu de distração para mim nas horas tensas.

À minha namorada Candelaria, que me levou às bibliotecas rosarinas a ponto de encher a minha dissertação de citações de Arfuch.

RESUMO

MADEIRA, Diogo Souza. **Memórias linguísticas de Jorge Sérgio Lopes Guimarães**. 2015. 87f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

Esta dissertação teve como objetivo analisar as narrativas de Jorge Sérgio Lopes Guimarães compiladas no livro *Até onde vai o surdo*, publicado em 1961, no Rio de Janeiro. O livro contém 41 pequenas crônicas que foram publicadas, originalmente, entre os anos de 1958 e 1960, em três periódicos que circulavam na cidade do Rio de Janeiro: *O Globo*, *o Jornal das Moças* e *o Jornal News Shopping*. Para conhecer a biografia do autor, surdo e falecido em 1973, foram entrevistadas uma amiga e uma sobrinha. Os textos foram analisados através de procedimento de redução temática a qual fez emergir seis categorias: Política, Surdez, Educação, Oralismo, Língua de Sinais e Língua Portuguesa. Os conteúdos assim organizados em categorias, permitiram a compreensão de representações da surdez como doença e situação incapacitante. Ao mesmo tempo, percebe-se um discurso que desestimulava e, até, proibia a Língua de Sinais e fazia uma referência positiva ao Oralismo. O livro de Jorge Sérgio Guimarães é uma importante contribuição para a história e a memória dos surdos brasileiros e, muito ainda tem a ser explorado para o melhor entendimento da surdez nas décadas de 50 e 60 do século XX no Brasil.

Palavras-chave: surdez; memória; identidade; Jorge Sérgio Lopes Guimarães.

ABSTRACT

This dissertation aimed to analyze the narratives of Jorge Sérgio Lopes Guimaraes compiled in the book *Até onde vai o surdo*, published in 1961, in Rio de Janeiro. The 41 small chronicles were published originally between the years 1958 and 1960 in three newspapers circulating in the city of Rio de Janeiro: *O Globo*, *o Jornal das Moças* e *o Jornal News Shopping*. To know better the biography of the author, deaf and died in 1973, a friend and a niece were interviewed. The texts were analysed through thematic reduction procedure from which six categories emerged: Politics, Deafness, Education, Oralism, Sign Language and Portuguese Language. The contents thus organized into categories, allowed the understanding of representations of deafness as a disease and a crippling situation. At the same time, a speech discouraged and even banned sign language and made a positive reference to Oralism is perceived. The book by Jorge Sérgio Guimarães is an important contribution to the history and memory of Brazilian deaf and still has very much to be explored for better understanding of deafness in the 50's and 60's of the twentieth century in Brazil.

Keywords: deafness; memory; identity; Jorge Sérgio Lopes Guimarães.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Os manifestantes surdos e defensores da educação de surdos em Brasília	13
Figura 2 - Os manifestantes surdos e defensores da educação de surdos em Brasília 2	13
Figura 3 - Os manifestantes surdos e defensores da educação de surdos em Brasília 3	14
Figura 4 - O casamento do irmão do escritor surdo	17
Figura 5 - As sobrinhas do escritor surdo	17
Figura 6 - O escritor surdo	18
Figura 7 - O livro de crônicas de Guimarães	19
Figura 8 - Os surdos oralizados e implantados	32
Figura 9 - A comemoração ao dia do surdo	33
Figura 10 - A capa do Jornal das Moças do dia 10 de março de 1960	38
Figura 11 - A capa do Jornal das Moças do dia 18 de agosto de 1960	39
Figura 12 - A crônica publicada no número 2357 do Jornal das Moças	39
Figura 13 - A crônica publicada no número 2334 do Jornal das Moças	40
Figura 14 - A mulher misteriosa revelada	51
Figura 15 - O trecho do poema póstumo	52
Figura 16 - O escritor surdo no momento do lançamento do seu livro	60
Figura 17 - A entrevista de Guimarães na Revista de Ensino ao Surdo	63
Figura 18 - A entrevista de Guimarães na Revista de Ensino ao Surdo 2	64
Figura 19 - Guimarães e a comunidade surda se reuniram com a presença do padre surdo	66

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
1.1 Caminhos metodológicos para compreender Guimarães	14
1.2 A breve biografia de Jorge Sérgio Lopes Guimarães	16
 2. PONTOS IDENTIDÁRIOS E MEMORIAIS NA LITERATURA DE JORGE SÉRGIO LOPES GUIMARÃES	 23
2.1. A identidade de Guimarães em questão	25
2.2. Três concepções de identidade de Stuart Hall	26
2.3. A identidade surda a partir das representações surdas comunitárias: de que forma Jorge Sérgio Lopes Guimarães representa a surdez?.....	28
2.4. Guimarães e a comunidade surda contemporânea na compreensão espaço-tempo e identidade de Hall, Castells e Bauman.....	36
2.5. A autobiografia de Guimarães nas crônicas publicadas nos três periódicos: a memória linguística reprimida pela incompreensão social conquista o mercado jornalístico.....	38
2.6. Narrativas escritas e identitárias.....	44
 3. NARRANDO A METODOLOGIA	 47
3.1 Entrevistas temáticas	48
3.2 Os encontros com as pessoas íntimas de Guimarães.....	49
3.3 Oralismo.....	58
3.4 Surdez	61
3.5 Política	65
3.6. Educação.....	70
3.7. Línguas de sinais.....	73
3.8. Língua portuguesa.....	75
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	82
ANEXOS	85

1. INTRODUÇÃO

Analisar objetos desconhecidos é meu prazer incansável. Logo, com a obra de Jorge Sérgio Lopes Guimarães, original e publicada em única edição, em minhas mãos, o desafio foi buscar compreendê-la.

Portanto, no caso do escritor surdo (que escreve em língua portuguesa), a busca tensa por informações acerca do objeto de pesquisa não me intimidou. Há uma coisa que eu e ele temos em comum, e que muitas pessoas que não escutam não possuem, a paixão pela literatura (no sentido de escrever e ler na nossa língua pátria).

A seguir, apresentarei um breve relato sobre minhas experiências com a língua pátria, o Português, a ponto de esclarecer como a minha época e a de Guimarães são diferentes na questão da linguística. Meu contato com o Português começou muito cedo, através do mundo da leitura, ao qual eu fui impelido pela minha mãe, como uma forma de compensar a ausência da minha audição. Dessa forma eu começava a me integrar ao mundo pelas palavras escritas, expostas pela minha mãe, penduradas em móveis e às partes arquitetônicas internas da nossa casa, uma vez que ela sabia que ensinar palavras pela leitura labial não seria a melhor alternativa, devido ao fato de eu ser criança. Graças a esse método, chamado Decroly (descoberto por minha mãe), quando eu tinha seis anos, fui previamente alfabetizado à escola de surdos, atualmente chamada Escola Especial Professor Alfredo Dub, cuja natureza de administração é filantrópica, estando situada na zona norte, em Pelotas, Rio Grande do Sul. Nela permaneci até a sexta série, quando então fui estudar em uma escola pública para que minha participação fosse ativa na sociedade majoritária em todos os sentidos.

Na escola pública, administrada pela Prefeitura, chamada Almirante Raphael Brusque, situada na Colônia Z-3, cuja vila dos pescadores foi meu canto de nascença, passei a conhecer os gêneros textuais diferentes, especialmente a poesia, para praticar junto aos meus colegas.

Vivenciei muitas aventuras empolgantes e frustrantes durante meu Ensino Médio, em duas escolas diferentes. No primeiro ano do Ensino Médio eu estudei no Ginásio do Areal, escola pública administrada pelo governo estadual, mas, na época, esta escola não possuía recursos humanos ou intérprete de Libras para me

auxiliar na compreensão dos conteúdos orais. Passei então a sentir as dificuldades de acompanhar as aulas teóricas, que acabaram por me reprovar na disciplina de Biologia, pela primeira vez em minha vida.

Durante esse período, eu vivia frequentando a biblioteca desta escola. Como eu me comunicava com meus colegas? Por escrito e pelo alfabeto manual da Libras. Nesse sentido, apesar de ser surdo, eu me sentia inteirado do “mundo ouvinte”, conforme expressão utilizada por surdos usuários de Libras. Depois do primeiro ano fracassado no Ginásio do Areal, fui estudar no Colégio Municipal Pelotense, onde havia as primeiras intérpretes de Libras. Havia um processo seletivo para ingresso no Ensino Médio, e eu fiquei entre os primeiros classificados na prova de redação, o que possibilitava o ingresso ao curso técnico que visa à formação de professores, o Magistério.

Mas meu ingresso ao Magistério não foi projetado por mim, e sim pela necessidade de construir minha trajetória profissional. Entretanto, com a presença dos meus colegas surdos ao meu lado, ou seja, em minha turma, meu Português escrito, isto é, minha língua habitual, foi forçada a deixar de ser utilizada, como se a minha memória linguística tivesse sido retalhada para “assegurar” os direitos linguísticos deles. A prevalência da língua daqueles que estavam comigo, a Libras, me tomou de vez e me privou de muitas questões – como as de leitura e de minhas particularidades intelectuais e políticas. Assim que entrei na faculdade de Jornalismo, já que não havia nenhum colega surdo, passei a recuperar minha memória linguística perdida através de leituras e da prática escrita, e, por isso, precisei de tempo para poder me reorganizar linguisticamente no quesito Português, para voltar a ser o que eu era antes, após reconhecer que havia muitos territórios linguísticos surdos diferentes através da internet.

A escolha pelo Jornalismo foi baseada na minha paixão por escrever e nos meus sentimentos pela profissão. Após, fiz minha segunda faculdade - de Letras/Libras -, promovida pela UFSC. Meus estudos não pararam e, em seguida, me especializei em Linguística e ensino de língua portuguesa, pela FURG, uma vez que minha área de atuação é voltada para Linguística e Literatura, o que explica por que gosto de escrever e ler, pois considero minha escrita como a ferramenta primária de comunicação no dia a dia, mesmo que eu utilize a Libras.

Com o Jornalismo e as conversas com meus colegas redatores como bases importantes, passei a produzir meus textos, jornalísticos e literários, como forma de

prática, a ponto de reconhecer e compreender essas linguagens. Confesso que não vou viver, em termos sociais e intelectuais, sem nossa língua pátria, ou seja, vivo constantemente dela, visto que nela consigo compreender completamente o que me é dado além da Libras.

Meu ingresso para o PPGPM (Programação de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Memória Social), que centraliza os conceitos de memória e patrimônio, foi instigado pela pertinência do meu tema de pesquisa. A linha de pesquisa Memória e Identidade, na qual a minha orientadora está lotada, foi selecionada em razão da proposta de meu projeto, voltado para discussões sobre escritos autobiográficos.

Entretanto, o livro de Guimarães, descoberto em um sebo virtual, é visto como objeto de estudo interessante para esse programa, diante de sua relação com a memória. Durante a minha jornada acadêmica, muitas leituras amadureceram minha mentalidade sobre o conceito de memória, cuja questão exige ligação direta com minha proposta de pesquisa inicial, que passou a ser o objeto de pesquisa ao sintonizar seu cruzamento com os autores Joel Candau e Michael Pollak, que representam o conceito de memória em seus discursos a fim de esclarecer o modo de decifrar as intenções do escritor surdo em publicar suas crônicas.

Até o momento, o escritor surdo permanece desconhecido para a maioria dos participantes da comunidade surda brasileira contemporânea. É importante compreendê-lo como um autor que, ao registrar sua história, através da literatura, possibilitou a recuperação da memória da surdez nas décadas de 50 e 60 do século XX, no Brasil. Por essa razão, ingressei no PPGMP para buscar trazer ao conhecimento da sociedade as memórias dele, estabelecendo relações com autores que discutem memória, identidade, autobiografia e surdez. O motivo do meu entusiasmo com este autor diz respeito à questão da escrita eloquente, que, nos dias de hoje, pouquíssimos surdos possuem.

Portanto, o desenvolvimento desta pesquisa visa trazer à tona sua obra e divulgá-la por todas as partes, tanto sociais quanto linguísticas, em que os que atuam na área de surdez se encontram. Candau (2011) salienta que o passado que realmente nos é significativo tem de ser apresentado como memória:

ato de resistência significando que, para ele, “a vontade de futuro devia partir do presente e intercalar um retorno em direção ao passado, quer

dizer, um ato de memória. Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo do pensamento, um pensamento sem duração, sem a lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si. (CANDAU, 2011, p.60)

A partir das considerações de Candau, percebe-se que a memória de Guimarães, ainda não mencionada por nenhum pesquisador, precisa ser tratada como memória relevante para a surdez contemporânea, uma vez que Guimarães apresenta uma memória preciosa para os dias de hoje.

Posso falar, aproveitando este espaço, de minha atuação como escritor e da trajetória do autor, que será apreciada logo no próximo subcapítulo. São diferentes em termos de realidade linguística, devido à minha época e a dele. Eu e Guimarães escrevemos contos na língua pátria, entretanto, a diferença política está na questão da língua.

Em sua época, a Língua Brasileira de Sinais (Libras)¹ ainda não possuía status de língua, contudo, atualmente, ela possui status linguístico e força política. A Libras foi reconhecida como a segunda língua oficial do Brasil em 24 de abril de 2002. Foram muitos anos de luta política e de movimento surdo para que ocorresse a oficialização da Libras e para que os surdos tivessem acesso à Libras nas escolas. Como exemplo, cito a noite das velas (Figuras 1, 2 e 3), organizada pela manifestação surda², ocorrida em 2011, em Brasília, com o objetivo de legalizar o bilinguismo educacional para surdos e impedir o fechamento do Instituto Nacional de Educação de Surdos, cujo feito foi fruto das políticas surdas que se mobilizam desde a fundação da FENEIS³.

¹Esta lei federal pode ser contemplada através do link: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm.

²Os defensores da Educação de Surdos realizaram a manifestação histórica após o MEC ameaçar fechar o INES, a primeira escola de surdos do Brasil.

³Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos.



Figura 1: Fotografia dos manifestantes surdos e defensores da educação de surdos sentados, exibindo as velas acesas, representando a resistência surda diante da omissão ouvintista.
Fonte: Diogo Madeira



Figura 2: Fotografia dos manifestantes com camisetas do movimento: "Escolas Bílingues para Surdos".
Fonte: Diogo Madeira



Figura 3: Fotografia de rapaz surdo, estendendo a sua mão esquerda à vela acesa como a representação da Libras.
Fonte: Diogo Madeira

Além disso, na época de Sérgio L. Guimarães, a surdez era vista como doença. Nos dias de hoje, a definição da mesma depende do ponto de vista, seja da Medicina ou da Linguística, no entanto, é um conceito amplo.

1.1 Caminhos metodológicos para compreender Guimarães

Durante os primeiros momentos do meu mestrado, definir uma metodologia, a fim de obter resultados significativos respeito do objeto de estudo encontrado em um sebo, decerto foi a tarefa mais difícil, e que, no entanto, se considera normal

para quem está em âmbito acadêmico, pois somente ela pode dar o sinal verde para acelerar a pesquisa. Com os materiais em mãos, surgiu a dúvida: de que forma organizá-los? Essa foi uma interrogação inicial para nós, eu e minha orientadora, mas em pouco tempo encontramos um método para a análise dos dados que consideramos pertinente através da Redução Temática, que permite formar categorias diferentes para que se possa então analisar melhor cada dado selecionado, encaixado em cada categoria específica, a ponto de clarear a ideia de cada narrativa escrita.

Seis categorias foram organizadas com os escritos e as fotografias colhidos para estudo, que poderão ser apreciadas na parte da análise de dados. Os procedimentos foram realizados de forma qualitativa, ou seja, apesar da redução temática permitir uma análise de conteúdo do tipo quantitativo, isto é, para análise de frequência, optou-se por buscar uma compreensão de sentido para os dados organizados em categorias.

As entrevistas narrativas realizadas também ajudaram a compreender melhor a época de Guimarães, e podem ser consideradas determinantes para o processo que tornou os dados colhidos mais claros:

O método de análise e interpretação da Entrevista Narrativa proposto por Schütze é reconstrutivo, pois visa a reconstrução dos eventos e dos processos biográficos do narrador. Para Schütze, o objetivo não é tanto reconstruir as interpretações subjetivas que o narrador elabora de sua vida, mas sim, reconstruir a inter-relação de cursos factuais de processos. (FLICK, 2004, p. 214)

Dessa forma, a partir dos dados analisados e das conversas com as duas pessoas: Mirella Colonese Guimarães Nunes, sobrinha do escritor surdo, e Maria Regina Forin Tavares Pais que é surda, amiga próxima do escritor, uma vez que ambas possuem ciência da trajetória do escritor surdo, foi possível restaurar as memórias de Guimarães. Ao passo que, ao serem analisadas, tais memórias permitiram que a existência de Guimarães fosse reconstruída para ajudar a compreender as memórias pessoais dele e a forma como ele será lembrado pela atual comunidade surda em geral e às pessoas leitoras, bem como aos pesquisadores da surdez.

1.2 A breve biografia de Jorge Sérgio Lopes Guimarães

Esta biografia foi construída por meio dos escritos do autor e das informações obtidas com duas pessoas próximas a ele: Mirella Colonese Guimarães Nunes, sobrinha de Jorge Sérgio Lopes Guimarães, que não chegou a conhecer o seu tio porque ele faleceu bem antes do nascimento dela, e Maria Regina Forin Tavares Pais, amiga de Sérgio Guimarães em sua juventude. Ambas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e autorizaram seus nomes a serem publicados. A entrevista com sua sobrinha foi realizada pelo Skype⁴ devido à distância, e a outra, com a amiga dele, na residência dela, em Belo Horizonte.

Guimarães nasceu em 1933 no Rio de Janeiro, em uma família de descendente de portugueses. O autor ficou surdo aos dois anos de idade, em decorrência de uma crúpe, que é uma infecção viral contagiosa dos canais respiratórios que provoca dificuldades ao respirar, sobretudo ao inspirar. A sua surdez foi diagnosticada graças ao fato de o escritor surdo, enquanto criança, ainda não falar, o que fez com que a sua família o levasse ao médico.

Aos 30 anos ele tornou-se escritor e costumava publicar suas crônicas, sobre o cotidiano do surdo, em três jornais que circulavam pelo Rio de Janeiro: *O Globo*, *Jornal das Moças* e *Shoppings News* –que serão apresentados nos capítulos posteriores.

Ele faleceu em seis de outubro de 1973, vítima de enfarte. De acordo com as informações da sobrinha e da amiga, a época dele foi muito complicada em termos sociais, por ele ser surdo. No âmbito familiar, o escritor enfrentava dificuldades, principalmente na comunicação, embora os seus pais se esforçassem de todas as formas em educá-lo, sendo essa a razão pela qual ele se tornou um escritor, cujo dote era desconhecido para a comunidade surda de sua época e ainda o é para a atual.

Mirella acredita que, sem dúvida, o momento contemporâneo lhe propiciaria bem mais se ele estivesse vivo, uma vez que, para lidar com a surdez, atualmente existem muitas opções diferentes. Percebe-se que sua época não se parece tanto

⁴Skype é um software que possibilita a comunicação de voz e vídeo através da Internet, permitindo a chamada gratuita entre usuários de qualquer lugar do mundo. (<http://www.skype.com>)

com a minha, em termos de política e surdez. Na minha geração, a Libras, em 2002, foi reconhecida como a segunda língua oficial no Brasil, sendo bem aceita em todos os campos políticos e sociais, ao passo que o bilinguismo firmou-sena Educação de Surdos.



Figura 4: O irmão de Guimarães de paletó preto e calça listrada, e sua noiva, posam com o escritor surdo acompanhado da sua babá, nos anos 60.
Fonte: Acervo pessoal de irmã de Mirella Nunes.

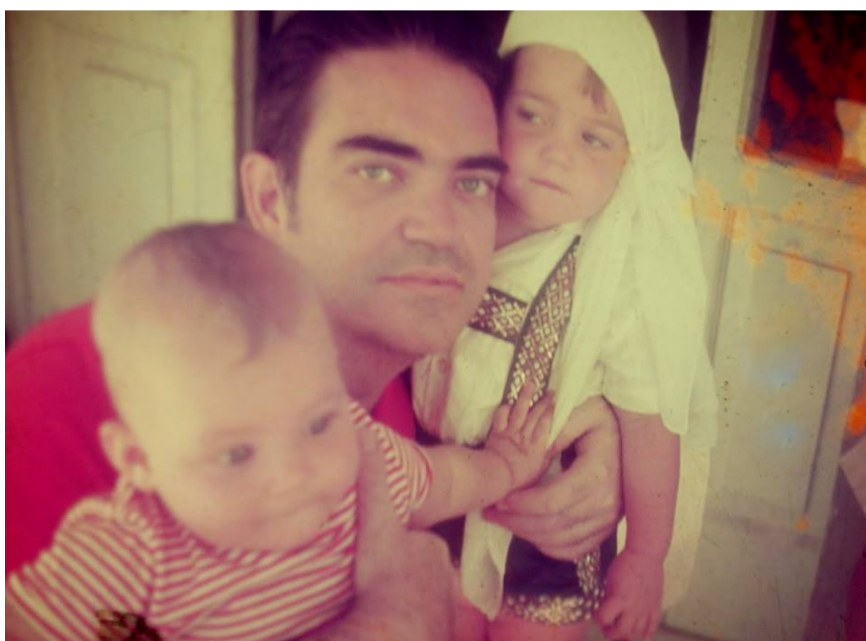


Figura 5: Guimarães com suas sobrinhas, nos anos 70.
Fonte: Acervo pessoal de irmã de Mirella Nunes.



Figura 6: Sérgio L. Guimarães, nos anos 70.
Fonte: Acervo pessoal de irmã de Mirella Nunes.

Já o ressurgimento da língua de sinais, cuja ferramenta linguística era inibida na época de Guimarães, mostra-se ao contrário da minha, em que há muitas opções linguísticas.

Pode-se dizer que a sua época era bastante diferente da contemporânea em termos políticos porque as décadas vividas por Guimarães estavam muito ligadas ao oralismo, decretado como o método universal de educação de surdos pelo Congresso de Milão, realizado em 1880. Sendo assim, Guimarães foi educado pelo método Oralista.

A memória social da comunidade surda é constituída por questões tanto culturais quanto linguísticas que se estabelecem no contexto histórico. Guimarães, infelizmente, mesmo como o passar de geração em geração, em nenhum momento é mencionado de alguma forma, seja acadêmica ou literária.

Connerton afirma que as recordações compartilhadas constituem a memória social:

No que diz respeito, em particular, à memória social, constatamos que as imagens do passado legitimam geralmente uma ordem social presente. É uma regra implícita pressupor uma memória partilhada entre os participantes em qualquer ordem social. Se as memórias que têm do

passado da sociedade divergem, os seus membros não podem partilhar experiências ou opiniões. (CONNERTON, 1999, p. 3)

O acesso aos textos dele se deu por meio do livro adquirido em um sebo, em 2011, graças à cumplicidade da rede social chamada *Estante Virtual* que permite a pesquisa em diversos sebos. O livro, intitulado *Até onde o surdo vai*, conforme o registro da contracapa do mesmo, foi lançado em 1961. Uma obra que, nos dias de hoje, é rara, porque apenas esse único original foi encontrado. A edição consiste em um livro de crônicas, de 98 páginas— reunindo 41 artigos publicados nos periódicos *Jornal das Moças* e *Shopping News* do Rio, de 1958 a 1960 —, todas escritas pelo próprio escritor. Os 21 artigos no jornal voltado para o público feminino e os outros 20 no jornal de economia. Foi impressa pela editora *Gráfica Tupy Ltda.* A figura na capa do livro, bastante chamativa, é do perfil de um homem, com círculos concêntricos brancos saindo da orelha, o que pode ser entendido como uma alusão à surdez. Observa-se, abaixo, a capa do livro:



Figura 7: Capa do livro *Até onde vai o surdo*, de autoria de Jorge Sérgio L. Guimarães.
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Nesse sentido, pode-se compreender o livro como dememórias coletivas, que falam da surdez nas décadas de 50 e 60, no Rio de Janeiro, Brasil. As crônicas do autor foram publicadas primeiramente nos jornais mencionados nos parágrafos anteriores que circulavam pelo Rio de Janeiro, dos quais ele era colaborador. Essas crônicas publicadas foram selecionadas para compor o livro dele. Ou seja, tudo o que foi publicado, foi transformado, posteriormente, em um livro de crônicas.

A sua surdez de nascença não o impediu de conviver com a sociedade ouvinte, mesmo diante das dificuldades e, especialmente, do ímpeto da visão médica. De acordo com os seus escritos, ele trocava correspondências com grandes celebridades como Helen Keller⁵ e Ney Latorraca⁶. O amigo de Guimarães, Pedro Bloch⁷, foi convidado por ele para escrever o prefácio de seu livro de crônicas. Seguem os excertos do prefácio de Bloch, considerados relevantes para compreender sobre a surdez de Guimarães e o domínio que ele exibía da Língua Portuguesa:

A surdez desenvolve no ser humano certas qualidades de nobreza, de caráter, de maneira de ser que nos enchem de admiração e de respeito. O sentimento que desperta um surdo que fala, que estuda, que progride, não é jamais o da compaixão, mas o da admiração. Muitos dos surdos com que eu tenho lidado são verdadeiros líderes de seus colégios. Os outros meninos, em vez de inferiorizá-lo, cultivam sua amizade e se orgulham de seus progressos.

Quero falar-lhes do meu particular e grande amigo Jorge Sérgio. É uma simpatia ambulante, uma inteligência lúcida, um espírito de escol. Quis que eu escrevesse algumas linhas para prefaciar seu livro, em que reúne algumas de suas belas crônicas, de suas ideias límpidas, de seu ideal luminoso. Basta que lhes conte um fato para que fiquem sabendo quem é.

Quando me procurou com seus artigos admiráveis eu observei:

- Jorge, se eu encontrar alguma coisa que eu considere errada, que eu considere imprópria, em seu livro, posso corrigir?

Jorge sorriu e com esse escrúpulo fabuloso, próprio de almas puras e privilegiadas, observou protestando:

- Mas se o senhor for emendar o meu livro... o livro não será mais meu!

⁵Surda-cega norte-americana, considerada a personalidade mais autêntica e inspiradora para Guimarães.

⁶É um ator e humorista que conhecia o escritor surdo, conforme seu prefácio publicado no outro livro de Guimarães, de poesias.

⁷Pedro Bloch foi um médico foniatra, jornalista, compositor, poeta, dramaturgo e autor de livros infanto-juvenis. Escreveu mais de cem livros.

Não toquei em nenhuma palavra, em nenhuma linha. Não fiz nenhuma observação.

Só quero deixar aqui consignada a minha admiração por Jorge. Eu não diria que Jorge é um grande homem, apesar de sua surdez. Não. Talvez eu devesse dizer que ele é um homem admirável justamente por ser surdo. Por conservar dentro de sua alma generosa essa beleza, essa pureza, essa grandeza. Todos os que lerem suas crônicas compreenderão o que quero dizer. Vocês verão que ele, feliz como é, jamais se preocupa com seu próprio homem. Reparem como vive o problema dos outros. Esse livro é um livro de bondade, de ternura, de luz, de compreensão.

Jorge, eu tenho um orgulho imenso de me considerar seu amigo. Como é que você sem ouvir consegue ouvir tanta coisa?
(BLOCH, 1961, p.9)

Evidentemente, diante de sua temática sobre a surdez, esse prefácio foi capaz de me comover quando tive a primeira oportunidade de lê-lo. De acordo com a amiga de Guimarães, o fato de o escritor surdo saber ler, escrever e mostrar domínio na língua pátria se deve ao método que seu grande amigo Pedro Bloch aplicou a ele. Tal método, pelo que ela descreveu, consistia em Bloch apresentar os textos com seus apontamentos ao Guimarães, comparando os originais do escritor com os corrigidos por ele, para assim o autor surdo poder evoluir em sua linguística.

Além do livro referido acima, ele escreveu mais dois livros, no entanto, de poesias. Estes dois livros não serão analisados, visto que não apresentam nenhum elemento pessoal ou linguístico peculiarmente relacionado à surdez, ou melhor, à memória surda. Em Pollak, uma história de vida individual, como no caso do livro de Guimarães, não precisamente se trata disso, porém, é evidente haver uma forma indireta que não pode ser ignorada de modo algum, uma vez que ela pode ser considerada um aporte de memória. De acordo com o trecho do próprio Pollak, em espanhol⁸:

Es como si, en una historia de vida individual – pero esto ocurre igualmente en memorias construídas colectivamente – hubiera elementos irreductibles, en los que el trabajo de solidificación de la memoria fue tan importante que imposibilitó la ocurrencia de cambios. En cierto sentido, determinado número

⁸É como se, numa história de vida individual – mas isto ocorre igualmente em memórias construídas coletivamente -, tivesse elementos irreduzíveis, nos que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de câmbios. Em certo sentido, determinado número de elementos se torna realidade, passam a ser parte da pessoa, ainda que outros tantos acontecimentos e feitos possam se modificar em função dos interlocutores, ou em função dos movimentos do discurso (POLLAK, 2006, p.34). Trecho traduzido do espanhol por mim.

de elementos se hacen realidad, pasan a ser parte de la persona, aunque otros tantos acontecimientos y hechos puedan modificarse en función de los interlocutores, o en función de los movimientos del habla. (POLLAK, 2006, p.34)

Os discursos do escritor surdo em suas crônicas, para a comunidade surda contemporânea, certamente implicam estranheza, e, no entanto, por outro lado, mostram a testemunha da surdez sob as regras educacionais do oralismo, que valorizava a prática da fala e que, na época do escritor surdo, discriminava outros meios linguísticos como a língua de sinais.

Concluindo este adendo à introdução, antes de visitar as páginas seguintes, tenho o prazer de informar ao leitor sobre os próximos capítulos: No segundo capítulo, *Pontos identitários e memoriais na literatura de Jorge Sérgio Lopes Guimarães*, serão discutidos os temas literatura, identidade e memória com base em autores como Candau, Pollak, Arfch, Halbwachs, Perlin e Gomes, abordando a surdez dos anos 60, ou melhor, do próprio escritor surdo, no sentido linguístico.

O terceiro capítulo trata da metodologia, apresentando os procedimentos para coleta e análise dos dados. E, por fim, no quarto capítulo encontram-se as considerações finais.

2. PONTOS IDENTITÁRIOS E MEMORIAIS NA LITERATURA DE JORGE SÉRGIO LOPES GUIMARÃES

Inaugura-se este capítulo propondo reflexões sobre os conceitos de literatura, identidade e memória com relação à escrita autobiográfica. A escrita autobiográfica é dependente, pode-se dizer, dos conceitos de identidade e memória, uma vez que, em nenhum momento, se pode construir uma literatura subjetiva sem a presença dessas, ao menos que seja considerada significativamente como narrativa de testemunha. Elas reproduzem cada ponto, cada vírgula, cada interrogação, cada exclamação e cada narrativa. Ambas, inclusive, podem ser consideradas como a representação do narrativismo. Para Candau (2009), a memória é uma força de lembranças, exigindo que o passado seja visto e, a identidade, uma representação significativa.

Portanto, a ideia deste capítulo é buscar compreender, conforme a questão intitulada acima, os pontos identitários e memoriais, especificamente, na literatura de Jorge Sérgio Lopes Guimarães. Le Goff (2008) ressalta que a História e a Literatura, na maioria das vezes, se mesclam para tornar a ideia clara quando o leitor deseja decifrar a origem da história, ou melhor, a origem do que foi contado. Esta literatura de Guimarães é uma memória social, que trata da surdez e da comunidade surda, dos anos 60.

A esfera da memória contribui à busca da origem do objeto (TEDESCO, 2004), por questões de sistema de símbolos e valores:

A esfera da memória e dos depoimentos orais, genealógicos e biográficos, está contribuindo, em muito, para o campo de análise histórica, ligando temporalidades, fazendo-as se entrecruzar, bem como resgatando atores sociais silenciados, dimensões do real muito pouco visíveis. É nesse sentido que a proliferação de estudos em torno do campo de análise da memória revela um olhar das ciências humanas, sociais, históricas e pedagógicas sobre si mesmas; um olhar crítico, inovador, problematizador e projetivo do passado e do futuro. (TEDESCO, 2004, p. 30)

A surdez é um conceito amplo, com base em visões distintas, como a linguística e a médica. A compreensão da surdez de Guimarães conta com aportes documentais como escritos e fotografias.

Nas suas crônicas, o escritor se apresentava como um surdo oralizado, pois, na época dele, a maioria dos surdos eram oralizados. As memórias de Guimarães, suas crônicas escritas, retratam também as memórias de muitos outros surdos, seus contemporâneos. Le Goff (2008, p.80) salienta a importância desses escritos para a compreensão das experiências vividas individualmente ou em grupo:

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo que esteve engajada ou que dela suportou as consequências, que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhes são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem. (LE GOFF, 2008, p.80).

Os escritos de Guimarães permanecem, no entanto, esquecidos. O escritor surdoficou marginalizado por não fazer parte da história oficial da surdez, conquanto ele seja citado em um artigo sobre a linha do tempo relacionada à Educação de Surdos, porém não como destaque.

Objetiva-se que o escritor surdo desconhecido seja, conceitualmente, ressignificado, reconstruído no sentido midiático, cuja memória deve ser submetida ao processo de catalogação de documentos editoriais.

Uma vez que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto coletiva quanto individual, segundo Pollak (1992, p.5), acredita-se que existam vários tipos de memória.

A prosa de Guimarães é um suporte de memória para a atual comunidade surda, a ponto de compreender a fotografia linguística⁹ dos anos 60, nitidamente diferente da presente. Portanto, para os leitores, no processo de memorização, Chartier (2014, p.220) destaca que a relação entre memória e escrita é determinante em fixar pensamentos, ou seja, registrar passagens.

No caso do escritor surdo, o cerne de sua literatura é fazer com que os leitores compreendam o dia a dia da surdez e inclusive as particularidades dela. É uma memória do surdo e da surdez em uma determinada época. A memória do surdo contém seus sentimentos tanto revoltantes quanto felizes acerca da sua surdez a partir de suas vivências sociais.

⁹Em referência à realidade social.

2.1. A identidade de Guimarães em questão

As crônicas analisadas permitiram compreender o entorno linguístico de Guimarães. Este entorno linguístico, entre outros fatores, foram decisivos para a constituição de sua identidade. Ele se descrevia como surdo falante, ou seja, oralizado, e falava com certa comiseração dos “surdos-mudos”, ou seja, surdos que não eram oralizados e que utilizavam a língua de sinais, ou, em suas palavras: alfabeto manual de Lépee.

O mais interessante é que na época do escritor surdo essa denominação era universal em razão do método oralista que foi utilizado por quase todos os países. A identidade é uma ação que adota as características do sujeito ou do elemento, de acordo com a imposição do tempo (HALL, 2002, p.10). A construção de uma identidade depende dos pontos econômicos, políticos e sociais, entre outros aspectos, que são considerados de impacto global. Segundo Hall (2002, p.8), tanto a identidade individual quanto a identidade coletiva estabelecem-se a partir de mudanças culturais e da influência geopolítica, ainda que sofra com as perceptíveis circunstâncias surgidas das diferentes épocas, além da verificação das memórias identitárias. Hall aponta que:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais (2002, p.9).

Em relação à essência do papel social, o próprio autor sugere esta teoria a partir de consequências que afetam instantes passados. O passado era um ponto de interrogação político¹⁰, ou seja, fazia parte do acultramento¹¹. Mesclando a ação do tempo com a construção da identidade, fica evidente que o amadurecimento da identidade social ou coletiva, no contexto histórico, depende das influências econômicas e políticas com a presença das memórias populares.

¹⁰Como observa o crítico cultural Kobena Mercer, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.

¹¹Trata-se de **aculturação** quando duas culturas distintas ou parecidas são absorvidas uma pela outra, formando uma nova cultura diferente.

Inclusive, as identidades nacionais são modificadas pela globalização, porém, não por completo, graças ao fortalecimento das raízes culturais – no sentido histórico - dos sujeitos. A lógica da construção da identidade está nos meios sociais do sujeito, ainda mais na pós-modernidade, precisamente, no final do século XX. Hall (2002) destaca o dito de Giddens (1990, p.63): “A globalização não é um fenômeno recente. A modernidade é inerentemente globalizante”.

Assim, pode-se classificar este fato como momentâneo, o que comprova os fenômenos sociais, passando instantaneamente, envolvendo com o que venham das gerações internas e externas na relação à modernidade. Seguem-se as três concepções de identidade do sujeito para aprofundar o conceito de identidade, de acordo com Hall.

2.2. Três concepções de identidade de Stuart Hall

As três concepções de identidade atribuídas por Hall são: sujeito de Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O sujeito de Iluminismo estava baseado numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação. A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e da consciência. Já o sujeito pós-moderno é conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente.

Segundo Hall (2002), a primeira concepção é uma questão solucionada e tornada menos discutida depois da entrada do século XX. É uma condição individualista, envolvida nos aspectos econômicos, políticos e sociais historicamente, vindos das influências patriotas e dos valores descendentes, assumindo a ponto de emergir desde o seu nascimento, após ser facultado pelos mesmos valores. Pode-se inferir que era uma concepção “individualista” do sujeito e de sua identidade. (HALL, 2002, p. 11).

Na visão do autor, a formação de sujeito sociológico acontece quando percebemos a noção de que este sujeito interage com a sociedade – alusivamente tanto à relação pessoal quanto à relação pública. Para isso, classifica-se de agulha sociológica, usualmente, para tecidos pessoais (formar uma identidade, uma

metáfora social). A agulha sociológica de Hall consiste na forma de fazer o mapeamento das regiões culturais e políticas em relação ao espaço-tempo:

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram, de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão, quanto em intensidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. (HALL, 2002, p.16)

Sua função tem a noção de estar, estavelmente, unificando as várias identidades que “asseguravam nossa conformidade subjetiva com as necessidades objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais” (HALL, 2002, p.12). Veja-se como uma reflexão geopolítica, depois que foi formulada essa segunda concepção, já que se expressa destacamento nas características do próprio sujeito sociológico – o parecer ótico é ser não autônomo.

Na última concepção, percebe-se o sujeito pós-moderno bem distante das outras concepções apresentadas, cuja identidade é uma celebração móvel¹², as características dele são temporárias, modificáveis pela globalização cultural. Pelo efeito da pós-modernidade, a identidade do sujeito é sujeita a mudanças.

Ela modifica-se na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, confrontados com uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, já que não possui uma identidade fixa, pois sempre toma identidades diferentes em momentos diferentes. Em Silva (2010, p.444), a identidade é uma manifestação de relato ou um discurso autodiferenciado.

No caso da identidade surda, cujo tema instiga constantemente as pessoas desde o reconhecimento legal da Libras, o surdo não é “apenas surdo”, ou seja, o surdo possui suas particularidades culturais, linguísticas e sociais, no entanto, distantes das dos outros, daí correspondendo a uma identidade pós-moderna.

2.3. A identidade surda a partir das representações surdas comunitárias: de que forma Jorge Sérgio Lopes Guimarães representa a surdez?

¹²Formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987).

A Comunidade Surda é composta por pessoas que conhecem a Cultura Surda e a Libras – Língua Brasileira de Sinais. Entende-se comunidade como uma privacidade que valoriza seus aspectos históricos, culturais e sociais, assim constituindo uma representação comunitária. Em *Comunidades imaginadas*, Anderson (2009, p.267) ressalta que a comunidade depende exclusivamente das raízes histórico-culturais.

É compreensível que a constituição da identidade se desenvolva por meio da coexistência sociocultural desde o nascimento, ou que, precisamente, a identidade seja construída pela realidade na qual o sujeito vive. Hall (2002, p.13) ressalva que, hoje em dia, na pós-modernidade, a identidade não é ligada ao senso comum ou não é fixada em razão da liberdade social que o sujeito toma, diferentemente do início do século XX. No caso dos surdos, são diferentes e inúmeras as possibilidades de constituição de identidades.

Perlin (1998, p.53) discutiu as identidades surdas, categorizando-as em cinco categorias. Entretanto, os autores que discutem identidade, como Hall e Silva, entre outros, destacam que não existem identidades únicas, engessadas, pelo contrário, as identidades são fluídas. Este trabalho toma por pressuposto que a categorização de Perlin pode ser vista não pelo viés das identidades, mas pelos diferentes entornos linguísticos, pelas diferentes experiências linguísticas nas quais os surdos estão imersos. Essas experiências, esses entornos, também não são fixos, porque as pessoas mudam de ambientes, de relações sociais, de escolas, entre outros. As identidades surdas de Perlin, aqui tomadas como entornos linguísticos, são retratos instantâneos de diferentes momentos das jornadas surdas.

Nesse sentido, a própria Perlin (1998), ao discutir a identidade surda, baseada na resistência da cultura surda, alerta para a impossibilidade de fixar identidades:

Minha intenção, aqui, é usar esta última concepção de identidade para situar o sujeito surdo. Entendo o conceito de identidades plurais, múltiplas; que se transformam, que não são fixas, imóveis, estáticas ou permanentes, que podem até mesmo ser contraditórias, que não são algo pronto. (PERLIN, 1998, p.52)

Sobre a identidade e a diferença, Silva (2000, p.76) trata da essência do ser e afirma que “elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações

sociais e culturais”.

Selecionaram-se três categorias de identidade de Perlin –aqui compreendidas como entornos linguísticos –mais relevantes à compreensão social do dia-a-dia de Guimarães. São elas:

a) Identidade Surda

A *Identidade Surda* é uma identidade fortemente marcada pela política surda. São mais presentes em surdos que pertencem à comunidade surda e apresentam características culturais como: possuir a experiência visual que determina formas de comportamento, cultura e língua e carregam consigo a língua de sinais, usando-a sempre que necessitam se comunicar, pois é sua forma de expressão.

Eles têm um costume bastante presente que os diferencia dos ouvintes e que caracteriza a diferença surda: a captação da mensagem é visual e não auditiva, e o envio de mensagens não usa o aparelho fonador, e sim utiliza as mãos; estes indivíduos se aceitam como surdos, sabem que são surdos e assumem um comportamento de pessoas surdas. Entram facilmente na política com identidade surda, na qual impera a diferença: necessidade de intérpretes, de educação diferenciada e de língua de sinais.

b) Identidade Surda Híbrida

No que se refere à *Identidade Surda Híbrida*, encontram-se os surdos que nasceram ouvintes, mas ficaram surdos tardiamente devido a algum acidente crônico; dependendo da idade em que a surdez chegou, os surdos conhecem a estrutura do Português falado e, dessa forma, o envio ou a captação da mensagem, vez ou outra, é na forma da língua oral.

c) Identidade Surda Flutuante

A *Identidade Surda Flutuante* pertence aos surdos que não têm contato com a comunidade surda. Para Karol Paden (1988, p.26-29), é outra categoria de surdos pelo fato de não contarem com os benefícios da cultura surda. Eles também têm

algumas características particulares e seguem a representação da identidade ouvinte. Tanto na teoria quanto na prática essas três identidades são distintas em razão do convívio cotidiano e da aquisição de linguagem.

No caso do surdo escritor dos anos 60, seu entorno linguístico, conforme as crônicas dele sugerem, seria o de identidade surda flutuante. De acordo com a amiga do escritor entrevistada, também surda, os anos 60 foram sufocantes em termos linguísticos para ela e para a comunidade surda em geral. Em suas crônicas, o escritor surdo se utiliza de seu domínio de leitura e escrita como um exemplo de superação da surdez, estabelecendo diferenças entre surdos oralizados, para ele os bem-sucedidos, e entre os surdos-mudos, que seriam o resultado do fracassada educação. Comenta que convive tranquilamente no mundo oral, mas, ao mesmo tempo, questiona várias vezes o preconceito que sofre por ser surdo.

Em relação às representações surdas, já que representação e identidade são conceitos bem próximos, é perceptível que as representações surdas que Guimarães relata em suas crônicas são bastante diferentes das atuais, especialmente em termos de comportamento e pensamento. Thoma (2002) afirma que representação surda é uma forma de reivindicação pelos direitos humanos e linguísticos, conforme sua análise de filmes surdos e filmes não surdos em sua tese de doutorado. Ela usa o comentário de um surdo sobre a atriz surda Marlee Matlin que não fez questão de salientar sua identidade surda:

Henrique lembrou que na época em que o filme *Filhos do silêncio* foi feito, o sucesso alcançado e a consequente indicação e consagração da atriz surda Marlee Matlin como melhor atriz foi resultado, entre outros, da escolha do ator principal que contracenou com Matlin, o ator William Hurt. Em 1987, Hurt já era um ator conhecido e famoso, enquanto Marlee fazia seu primeiro filme longa-metragem. Na entrega do prêmio de melhor atriz coadjuvante, Marlee dispensou a presença da intérprete e fez questão de se pronunciar e agradecer de forma oral. Essa decisão lhe rendeu críticas por parte da comunidade surda: a crítica, creditada à “contradição” entre a decisão de Marlee ao receber o prêmio e o enredo do filme, que representava as diferenças culturais dos surdos e a possibilidade de a sociedade pensar a surdez a partir de outro ponto de vista. – “Matlin perdeu a oportunidade de mostrar a identidade surda...” disse Henrique. (THOMA, 2002, p. 209)

Afirma-se que a representação surda pode ser individual ou coletiva conforme cada elemento se manifesta através de sua própria natureza, tanto cultural quanto linguística. Em relação ao relato de Henrique, coletado pela pesquisadora, dá-se

aimpressão de que o surdo entrevistado se mostrou descontente a respeito da decisão da atriz surda de se pronunciar oralmente ao invés de sinalizar¹³.

Essa ocasião possui várias hipóteses, duas possivelmente inegáveis e comumente reais: a primeira seria que a atriz surda cedesse à pressão ouvintista e a segunda seria que ela optasse por valorizar a sua natureza, para mostrar a sua verdadeira identidade, ou seja, para representar o que ela é. Em seu artigo¹⁴, Cabecinhas (2009, p.3), que investiga representações sociais em termos de sociedade, destaca que a perspectiva das representações sociais coloca as pessoas ativas no processo de transformação. Dessa forma a decisão da atriz surda vem da sua representação social.

Houve um fato recente a respeito da atriz Marlee Matlin no Facebook, em que uma surda portuguesa postou uma foto da falecida atriz surda norte-americana Phyllis Frelich, afirmando que ela era melhor do que a atriz Matlin, então uma pessoa perguntou por que ela era melhor. A surda portuguesa explicou: “Porque essa atriz era mais artística e não tinha vergonha de utilizar a ASL¹⁵ em público”. Contudo, com essa explicação, ela estava se referindo à questão linguística e cultural, e não ao rendimento artístico.

Fica evidente que a comunidade surda sinalizante questiona Matlin porque, talvez, sendo eleita pelo Oscar como a melhor atriz coadjuvante, ela transite nas duas línguas – Inglês e ASL, o que causaria incômodo a essa comunidade. Nota-se, portanto, um entorno linguístico e uma representação de língua de sinais completamente diferente da encontrada nas décadas de 50 e 60, nos textos de Guimarães Strobél, em sua tese defendida em 2009, trata de valorizar os registros surdos descobertos pelos pesquisadores da Educação de Surdos:

Não podemos esquecer que, historicamente, os surdos sempre foram vistos como inferiores aos ouvintes, como deficientes que precisavam se adequar e caminhar para a normalidade e para isto precisavam se oralizar. Isto marcou por muitos anos a comunidade surda, que é uma minoria linguística e que tem sim uma língua própria não oral! O surdo que tem vergonha de usar a língua de sinais não se reconhece como surdo e sim como um deficiente, ou seja, não conseguiu se libertar da visão da surdez que a sociedade atribuiu. (STROBEL, 2009, p. 37)

¹³ Considerado um termo cultural oriundo da comunidade surda sinalizante, em alusão à expressão “falar em língua de sinais”.

¹⁴ Pode ser apreciado o artigo da autora portuguesa publicado no periódico acadêmico local intitulado Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade através do link: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9644/1/rosacabecinhas-cultura2009.pdf>

¹⁵ A sigla da ASL é Língua de Sinais Americana.

As representações da Cultura Surda foram lesadas no passado, em que o oralismo era predominante. O ponto de vista da surdez de Strobel é parecido com o relato de Henrique, segundo Thoma(2002), por ter partido da comunidade surda sinalizante, ou por ao menos fazerem questão de defender a identidade surda, representando a cultura surda e a língua de sinais. Guimarães, pelo que seus escritos indicam, representa exclusivamente a surdez em direção ao oralismo. Na sua época, a língua de sinais ainda não era reconhecida como uma língua, pois, para ele, o status de surdo oralizado possui benefícios, a partir de sua representação ligada ao oralismo. Documentos legais, escritas de jornais e revistas, assim como artigos acadêmicos e fotografias são capazes de traduzir representações culturais e sociais de comunidades surdas em diferentes épocas. A seguir, duas fotografias evidenciam duas representações atuais de surdez:



Figura 8:Reunião de surdos oralizados e implantados.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/fernandamoraismfotografia/12118868364>



Figura 9: Os surdos sinalizantes e simpatizantes da causa surda comemoraram o dia do surdo.
 Fonte: <http://www.tjmg.jus.br/ejef/noticias/unidade-raja-comemora-o-dia-nacional-dos-surdos.htm#.VUK9z0uyBCM>

As fotografias apresentadas acima serão descritas de acordo com a aparição dos elementos. Na figura 8, os surdos oralizados e implantados fazem a pose para registrar o encontro realizado. Os surdos oralizados e implantados possuem o Português como a primeira língua e a Cultura Surda não lhes é contemplada, por opção. A figura 9 é, sem dúvida, bastante explícita pelas roupas azuis em alusão ao dia do surdo, e as pessoas fotografadas, em um ambiente nitidamente educacional, posam como uma forma de valorizar a Cultura Surda e a Libras, cuja representação surda vem da comunidade surda sinalizante. Não cabendo aqui o julgamento sobre as representações surdas distintas comentadas acima, afirma-se que cada comunidade, conforme seu contexto cultural, histórico e social, constrói suas diferentes representações.

Retomando a discussão sobre o entorno linguístico de Guimarães, assim como as representações sobre a surdez presentes em seus textos, pode-se perceber um contexto de valorização da oralização e de desprezo pelos surdos sinalizantes:

Hoje em dia não é mais recomendável o uso da linguagem manual, mas, infelizmente, no Brasil, a maioria dos surdos que alcançaram a idade adulta, continua a empregar o antiquado sistema de comunicação. Uma realidade

bastante lamentável, que precisa ser corrigida. Convém salientar que o aprendizado da palavra falada é importantíssimo, e deve ser sempre estimulado. (GUIMARÃES, 1961, p. 12).¹⁶

Tratando da surdez condizente, esse pensamento de Guimarães a respeito do alfabeto manual como um antiquado sistema de comunicação, no que ele se refere à linguagem manual, não pode ser condenado, uma vez que a educação que ele recebeu por meios clínicos e familiares é bastante diferente da de hoje em razão das pesquisas relacionadas à língua de sinais. Chauí (1995, p.125) discute que rememorar o que foi feito no passado pode ajudar as pessoas a compreender os enigmas e as intenções passados que se encontram incompatíveis a serem colocados em prática. Conforme Bobbio (1997), na rememoração se pode buscar compreender a significação da sua identidade, ou melhor, da sua representação. As representações surdas de Guimarães apresentadas em seus escritos são relacionadas à surdez clínica. Hoje em dia, a surdez não é compreendida apenas por um viés clínico. Existem diferentes campos ideológicos, assim como a evidência das fotografias apresentadas acima.

Para Hall (2002), a representação é um conjunto de significados e valores, que emergem através da linguagem. O livro de Guimarães, compreendido como um suporte de memória (GONDAR, 2008, p.2), ajuda a perceber as representações sobre a surdez em sua época. Como afirma Margarida Neves:

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação. (NEVES, 1998, p.218)

As memórias de Guimarães e as representações que emergem do livro servem de reflexão para a atual comunidade surda em geral, a fim de saber como foram as vivências surdas na metade do século XX. Ao cruzar com uma linha teórica relacionada à surdez do passado, para identificar porque as épocas são bastante distintas, Strobel (2009), que investiga ativamente a história dos

¹⁶Publicado originalmente no jornal *O Globo*, em 21/10/1959.

surdos, acredita que antigamente a cultura surda estava bem invisível, razão a qual levou muitos surdos à incompreensão social.

Em sua dissertação de mestrado, Gomes (2011, p.123) afirma que a cultura surda é possivelmente interpretada como um processo de libertação e manutenção, fazendo uma analogia à queima de sutiãs no movimento feminista ou ao fim da escravatura para os negros. Esta autora fez apenas uma comparação militante para que as pessoas compreendam de forma direta acerca da cultura surda. Mesmo assim, a cultura dos surdos se encontra em aberto para ser discutida conceitualmente, o que é frequente em lugares que as comunidades surdas (sinalizantes¹⁷) que defendem a Libras estão. Entretanto, o termo cultura surda passou a ser compreensivelmente patente a partir de 1980, na medida em que a Libras estava sendo constituída (GOMES, 2011, p.132).

A identidade narrativa de Guimarães é equivalente a uma “ipseidade”, ou seja, possui caráter único. Ricoeur (1997) salienta que:

A identidade narrativa se equivale a uma verdadeira ipseidade em virtude desse momento derrisório, que faz da responsabilidade ética o fator supremo da ipseidade [...]. A narrativa já pertence ao campo ético em virtude da pretensão, inseparável da narração, à correção ética. (1997, p.429)

Neste sentido, sugere-se que as crônicas dele são testemunhas de um entorno linguístico flutuante, induzido pelo oralismo da sua época, em que a língua de sinais ainda não era compreendida como algo positivo ou aceito na Educação dos Surdos, pelo menos no Brasil. O campo linguístico em que os surdos estavam inseridos distingue-se do contemporâneo no contexto histórico-social. O trecho da crônica intitulada “A surdez não é obstáculo!”, publicada em seu livro *Até onde o surdo vai*, apresenta o processo de aquisição linguística do escritor surdo:

Quando pequeno tive dificuldade no aprendizado da palavra, a ponto de rebelar-me muitas vezes. No princípio, tudo me pareceu penoso e terrível, mas, à medida que crescia, fui compreendendo que, para alcançar uma pronúncia razoável, era preciso grande força de vontade e treino intenso. (GUIMARÃES, 1961, p.84)

¹⁷As comunidades surdas sinalizantes são as que se comunicam em língua de sinais e que vivem a cultura surda.

Perceptivelmente, esse trecho é bastante subjetivo em termos de surdez, ou seja, o trecho apresentado é baseado em como o escritor surdo possivelmente via o oralismo como um benefício, apesar do sofrimento, o que nos dias de hoje a comunidade surda chamaria de método cruel. São memórias de experiências muito distintas.

2.4. Guimarães e a comunidade surda contemporânea na compreensão espaço-tempo e identidade de Hall, Castells e Bauman

O impacto que provoca a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas que os eventos em um determinado lugar, têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância, segundo HALL (2002, p.69). Nesse sentido, na época do escritor surdo, um dos aspectos da globalização é o oralismo, cujo método foi reconhecido como o ideal pelo Congresso de Milão.

É a convergência da cultura que faz com que as pessoas cultivem influências sociais em certo momento, assumindo mudanças na identidade também. Na colocação de Harvey, pode-se compreender melhor a respeito disso:

À medida que o espaço se encolhe para se tornar uma aldeia “global” de telecomunicações e uma “espaçonave planetária” de interdependências econômicas e ecológicas – para usar apenas duas imagens familiares e cotidianas – e na medida em que os horizontes temporais se encurtam até ao ponto em que o presente é tudo que existe, temos que aprender a lidar com um sentimento avassalador de compressão de nossos mundos espaciais e temporais (HARVEY, 1989, p. 240).

O passado é tanto esquecido quanto resgatado, para Pollak (2006, p.38), o esquecimento tem condições de ser transformado em memória, portanto, dependendo da intenção, individual ou coletiva.

O espaço-tempo, no caso de escritos perdidos/esquecidos, também passa a ser referência de memória escrita. Arfuch (2010, p.36) define como narrativa temporal o modo de testemunhar o passado, seja por escrito ou por qualquer meio de veiculação. Para Arfuch (idem), a narrativa temporal é interpretada como restauração de danos memorialísticos como diários, cartas e outros meios.

As crônicas de Guimarães mostram certas informações explícitas, principalmente, sobre o entorno linguístico de Guimarães, e são entendidas como partes da memória dos surdos, revelando as concepções da surdez dos anos 60. De acordo com a autora, a narrativa autobiográfica é feita pela subjetividade do sujeito através do espaço, contendo os valores culturais, éticos, políticos e sociais em que o próprio está, seja de forma escrita ou oral.

Em seu livro *O Poder da Identidade*, Castells afirma que a representação da identidade é um aporte de compreensão a partir dos seus criadores, significando as situações políticas e sociais, enquanto é também complementada pelo indivíduo: “Identidades, por sua vez, constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas e construídas por meio de um processo de individuação” (2000, p.23). Castells aponta ainda que o poder da identidade está nos discursos históricos, culturais e sociais, desde que o indivíduo esteja inserido nestes.

Guimarães vivia em um contexto linguístico construído pelos pressupostos do oralismo. Bauman (2004) destaca que identidades podem ser complementadas a partir de universos linguísticos diferentes, e que o polonês exilado se refere às experiências identitárias em outros territórios sociais. Ou seja, é possível possuir mais de uma identidade, caso o indivíduo se transfira do seu território para outro, adotando uma identidade a mais. Para Bauman:

O que unia, a seu ver, esses três autores em tudo mais distintos, colocando-os acima dos demais, era o fato de todos com facilidade em vários universos linguísticos diferentes. Essa contínua transgressão de fronteiras lhes permitia espiar a inventividade e a engenhosidade humanas por trás das sólidas e solenes fachadas de credos aparentemente atemporais e intransponíveis, dando-lhes assim a coragem necessária para se incorporar intencionalmente à criação cultural, conscientes dos riscos e armadilhas que sabidamente cercam todas as expansões ilimitadas. (2004, p.20)

Guimarães, embora se revele um escritor exímio, possuía apenas uma liberdade parcial para poder expressar seus pensamentos individuais, moderada pela insensatez do oralismo, ainda que a engenhosidade linguística do dominado surdo artista fosse baseada no empenho da sua família, segundo a sua sobrinha.

2.5. A autobiografia de Guimarães nas crônicas publicadas nos três periódicos: a memória linguística reprimida pela incompreensão social conquista o mercado jornalístico

Jorge Sérgio Guimarães escrevia crônicas para os jornais que circulavam na cidade do Rio de Janeiro: *O Globo*, *O Jornal das Moças* e o *Jornal News Shoppings*. O primeiro periódico foi fundado em 1925 e, até o presente momento, está ativo, situado no Rio de Janeiro. Atualmente, é considerado um dos principais jornais nacionais. Nesse jornal, Guimarães publicava as suas crônicas sobre o cotidiano do surdo, a convite do seu amigo Pedro Bloch.

O segundo veículo¹⁸, fundado em 1915 e instalado na mesma cidade, era voltado para o público feminino, anunciando novidades sobre moda, culinária, comportamento e dicas de beleza. O destaque está no excesso de material visual, por ser uma revista ilustrativa. Ela permaneceu ativa até dezembro de 1968. Algumas das crônicas de Guimarães foram publicadas nela, supostamente para o espaço em que se podiam publicar colunas não relacionadas com o tema central.



Figura 10:Capa do *Jornal das Moças*, número editorial 2337, publicado em 10/03/1960.
Fonte: http://memoria.bn.br/pdf2/111031/per111031_1960_02334.pdf

¹⁸Informações do site: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>



Figura 11: Capa do *Jornal das Moças*, número editorial 2357, publicado em 18/08/1960.
Fonte: http://memoria.bn.br/pdf2/111031/per111031_1960_02357.pdf

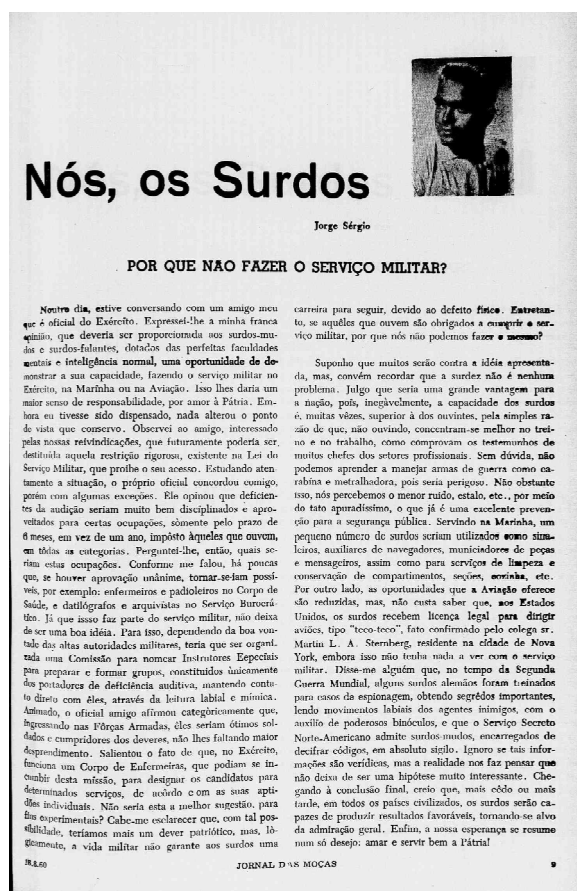


Figura 12: Crônica de Guimarães publicada no *Jornal das Moças* em 18/08/1960.
Fonte: http://memoria.bn.br/pdf2/111031/per111031_1960_02357.pdf

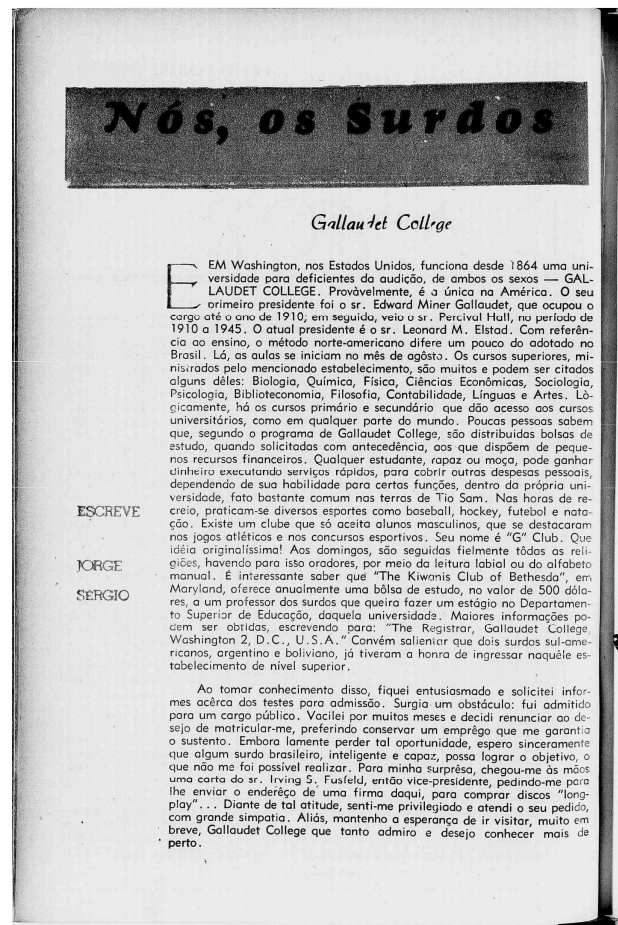


Figura 13:Crônica de Guimarães publicada no *Jornal das Moças* em 10/03/1960.
 Fonte: http://memoria.bn.br/pdf2/111031/per111031_1960_02334.pdf

O terceiro, *Jornal News Shoppings*, foi um jornal econômico, de mídia gratuita, localizado em São Paulo, fundado em 1953. Era distribuído somente nos pontos paulistanos. De acordo com a informação obtida¹⁹, ele se tornou popular entre os leitores paulistanos. Todavia, a razão do escritor surdo publicar as suas crônicas nesse jornal econômico ainda é desconhecida. As crônicas são autobiográficas, por se tratarem da sua vida cotidiana relacionada à surdez. A tentação biográfica, inevitavelmente, toma o escritor, Arfuch (2010) argumenta que o diário pode substituir a autobiografia:

A tentação biográfica se torna irresistível para o escritor, o diário poderá substituir, com vantagem, a autobiografia, consignar os fatos memoráveis e avançar mais um passo em direção ao íntimo talvez menos biográfico – a angústia, o medo, o erotismo. Do mesmo modo, e fora da intenção do autor, poderá ser exumado, arqueologicamente, como marca vivida, fragmento, revelação. (ARFUCH, 2010, p. 144)

¹⁹ <http://www.megabrasil.com.br/reporter2.asp?Id=139>

Oponto de vista da especialista sobre as opções para a escrita biográfica é considerável porque demonstra que a costura de texto cabe à resolução dos sentimentos do escritor.

Sugere-se que as crônicas selecionadas para o livro de Guimarães aparentemente são autobiográficas, especialmente em relação ao seu cotidiano, por meio das suas observações acerca da realidade da surdez. O efeito disso é perceptível pela sua subjetividade (ARFUCH, 2013, p.14), a que se deve a insistência do escritor surdo na importância do oralismo para os surdos, entre outros indícios de sua subjetividade.

Segundo Arfuch (2010), o efeito de narrativa surge com a presença do sujeito, ou melhor, da experiência do sujeito. Para Hall (2006), a identidade é definida historicamente e não biologicamente, assim, o sujeito assume identidades diferentes em diversos momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Para o autor, dentro de cada pessoa há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que as identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Nesse sentido, pode-se tentar compreender as dificuldades de identificação do autor surdo, tanto na comunidade surda como na comunidade ouvinte. Na comunidade ouvinte ele seria visto como algo exótico, e, para a comunidade surda, como um dissidente, apresentando comportamentos não usuais para um surdo de sua época, como o de ser cronista de um jornal. De acordo com os seus escritos, a identidade do escritor surdo é diferente à atual comunidade surda, que releva a identidade surda representando a Libras e a Cultura Surda. A identidade surda contemporânea é muito relativa no contexto cultural, linguístico e social. Na época do escritor surdo, por mais espantoso que pareça, a cultura surda ainda não era compreensivelmente concebida. Gomes (2011) afirma que a cultura surda começou a aventar nos anos 80, a partir da resistência surda contra a FENEIDA:

A cultura surda aparece como uma hipótese “autrótica”, pois produz seu próprio alimento; é como se ela se alimentasse de sua própria seiva para manter-se viva, ganhando assim, os saberes sujeitados uma hierarquia de mérito por serem narrados pelo povo surdo. (GOMES, 2011, p.134)

Nota-se que sem o significado de resistência à comunidade surda dos anos 60 tornou-se vulnerável em termos de incompreensão social e inocentemente

submetida ao oralismo. Por isso, o próprio escritor surdo desconhecia o conceito de cultura surda, tampouco o de identidade surda em razão da ausência das pesquisas relacionadas com a linguística da surdez.

A partir da ideia de como a identidade surda é estabelecida, agora será apresentada a representação sobre a surdez que emerge do livro de Guimarães, embora o livro dele seja somente de crônicas, com base na linguagem jornalística, por ser colaborador dos três jornais mencionados.

De acordo com Todorov(2009, p.13), a literatura é uma arte de contar e escrever, dirigida de forma adequada, ou seja, de acordo com o público alvo.

Brandão afirma que o estilo da escrita do sujeito vem das influências dos escritores lidos e também, sobretudo, da identidade do próprio sujeito. Ele ainda diz sobre a situação do Jean-Michel Rey:

Jean-Michel Rey pergunta sobre a importância de se conhecer a biografia de um escritor. Afinal, sua função seria apenas para dizer tal escritor viveu aquilo, escreveu isto ou vice-versa? Ele mesmo sabe que não, e a resposta está em sua obra, pois escreveu sobre Valéry, sobre Págyu além de Artaud. Não são paralelos ou simetrias entre vida e obra o que me interessa, talvez sejam tangenciamentos, ponto de causa de escrita. Não são causas e efeitos, não são meras psicobiografias. É o que obriga a escrita. O acontecimento que me fez escrever. (BRANDÃO, 2006, p.25)

O amadurecimento da escrita do sujeito depende dos fatores ao seu redor, pois é considerado também uma orientação estratégica, além de os fatos sociais motivarem o sujeito a narrar (no sentido de escrever), para que algo seja registrado. Trata-se de uma autobiografia, conquanto o seu apego aos diversos contextos persistam.

Arfuch (2010, p.115) sugere a autobiografia como um sistema de se registrar o que o sujeito vê e faz, uma questão que é tratada como “discurso imperceptível” – para se ter uma ideia, algo produzido não lhe é compreensivelmente preciso ou que não se enxerga do próprio autor.

Mingo (2004) e Silva (2005) ressaltam que a prática da literatura pode ser compreendida como meio de testemunho. Sendo assim, uma vez que estudamos a teoria de literatura do Todorov (2008), a biografia pode não ser obrigada a recorrer à poesia, uma vez que a ideia, a princípio, é valorizar a linguagem conveniente que possa atingir a compreensão de todos. Ricoeur (1991), ao falar sobre a narrativa temporal, define que qualquer narrativa que foi produzida pelo sujeito é levada a

serdisseminada para as próximas gerações de leitores. Leonor Arfuch discute a temporalidade e sua relação com a narrativa:

A relação entre temporalidade e experiência, crucial para a história, remete tanto a um passado que impõe sua marca quanto a uma antecipação para o imprevisível. Duplo movimento que é também, lembremos, o que acompanha o trabalho – o intervalo – da identidade narrativa. (ARFUCH, 2010, p.120)

A identidade narrativa é construída a partir de seus convívios alternativos – bem como literário e social. Percebe-se que a hibridização cultural decerto é uma âncora que possibilita contextos diferentes, significativamente patentes ao produtor de memórias, ao passo que a mesma lhe auxilia a fazer a leitura das questões complexas. Para Canclini (2003), a hibridação é um processo que, via de regra, coexiste na sociedade atual cuja recém-saída da modernidade vê concretizar, na experiência com a pós-modernidade, as diversas fusões artísticas, literárias e comunicacionais. Arfuch enxerga a subjetividade na construção da literatura como automemória:

O espaço, como configuração maior do que o gênero, permite então uma leitura analítica transversal, atenta às modulações de uma trama interdiscursiva que tem um papel cada vez mais preponderante na construção da subjetividade contemporânea. (2010, p. 132).

Ao falar sobre o espaço, a autora refere-se ao sujeito, ou seja, aos interesses particulares do sujeito sendo narrados por meio, especificamente, da escrita, a exemplo de como a representação surda de Guimarães é transmitida através dos seus escritos, a ponto de a sociedade ter acesso compreensivelmente ao mundo dos surdos. Lane (1992) comenta com precisão:

A maior parte das pessoas ouvintes, se for levada a pensar nos surdos, dão de imediato o salto do seu mundo para o mundo dos surdos, visto não terem mais nada em que se basear. Estas pessoas nunca leram nada sobre a linguagem e cultura dos surdos, por isso, esta passagem imaginária do mundo ouvinte para o mundo surdo é o único meio a que podem recorrer para tentarem obter um conhecimento mais real. (1992, p. 22)

Alberti (2005) reforça que a memória é uma essência para qualquer grupo em construção de sua identidade:

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela é o resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de experiência, isto é, de identidade. (ALBERTI, 2005, p.167)

As narrativas de Guimarães, que tratam do oralismo e da representação surda, negando a língua de sinais, porém, não são equivocadas, pois pode-se entender que é apenas um “tempo surdo diferente”.

2.6. Narrativas escritas e identitárias

Os escritos do surdo escritor podem ser considerados como narrativas. Entretanto, a sociedade também pode ser uma espécie de coprodutor de narrativas, no sentido de sua responsabilidade pela disseminação das narrativas antigas e escondidas. Em seu artigo *Biografia, Identidade, Narrativa*, Carvalho destaca a noção de Ricoeur de identidade narrativa:

Essa dialética do entrecruzamento seria em si mesma um sinal de inadequação da poética à aporética, se não nascesse dessa fecundação mútua um rebento, cujo conceito introduzo aqui e que testemunha certa unificação dos diversos efeitos de sentido da narrativa. O frágil rebento oriundo da união da história e da ficção é a atribuição a um indivíduo ou a uma comunidade de uma identidade narrativa. (RICOEUR apud CARVALHO, 1997, p.424).

Em relação aos diversos efeitos de sentido da narrativa citados por Ricoeur, a narração escrita do autor surdo também é um caso de memória, pois é baseada na subjetividade dele, a fim de que as suas narrativas fossem o meio de chamar a atenção dos leitores ou de alcançar os meios sociais.

Pollak (1989, p.3) entende que as memórias dissidentes ou resistentes ao governo, na maior parte do tempo, permanecem confinadas por razões óbvias e depois são liberadas ao público pela presente geração revolucionária, esse tipo de resgate se considera muito comum nos dias de hoje. Entretanto, reiterando mais uma vez, o caso do surdo escritor não se aproxima disso, visto que o então desconhecido Guimarães, possivelmente não era revolucionário, mesmo representando suas ideias que, no entanto, não tinham como ser aproveitadas na época em que o conceito de surdez não era socialmente muito claro, ou seja, a

surdez era vista como doença. De acordo com os seus escritos, ele defendia a condição de ser surdo, ao passo que enfrentava as dificuldades que lhe impossibilitavam uma visibilidade em todas as partes midiáticas.

Fica evidente que cada período histórico depende dos meios de comunicação e política para ser submetido aos estudos. Nessa lógica, cada narrativa também cabe à decisão governamental para ser publicada ou simplesmente explorada aos lugares restritos. Bergamacashi (2008), que encara narrativa como documentação verídica, credita a oralidade como testemunha do passado:

Diante da ameaça concreta de inundação de suas terras e sem nenhuma documentação formal que comprove que elas lhes pertencem, surge a necessidade de usar a escrita – até então rechaçada (rechaço evidenciado no filme pelo desprezo ao morador que escrevia), a escrita, a ferramenta do Outro – revelador de uma outra cultura é requisitada como última chance de manter suas terras que foram ocupadas através de outras migrações, em tempos ancestrais. (BERGAMACASHI, 2008, p.2)

Usando esta citação como âncora, no caso do autor surdo que produzia suas crônicas para os jornais do Rio, supõe-se que, na época, dentre muitos surdos, ele seria um dos poucos a se expressar na escrita, podendo assim traduzir seus escritos para a sociedade majoritária a fim de divulgar informações consideradas invisíveis acerca da surdez. Entretanto, como não tinha muitos aportes comunicativos, pois, não foi suficiente colocar o autor surdo na mídia impressa apesar de as suas crônicas terem sido publicadas nos jornais expressivos do Rio. Atesta-se que ele era um escritor único que queria informar à sociedade sobre a surdez, e, inclusive Álvaro Moreyra²⁰ que o prefaciou, chegou a comparar Guimarães com Helen Keller, o que se confirmou diante do trecho de outro prefácio apresentado no livro dele:

Se me pedissem o nome, no Brasil, de um discípulo iluminado de Helen Keller, eu responderia:

- Jorge Sérgio L. Guimarães.

Jorge Sérgio L. Guimarães também ensina a esperança, também conserva acesa a mesma convicção, também nunca duvida da vitória. É moço. É um clarão. Ergue. Contagia. Espalha fé, energia, sinceridade.

Sua campanha pelos mudos e pelos surdos será triunfante.

Aqui está o livro de Jorge Sérgio L. Guimarães. Sua campanha, conhecida no mundo, tornado um símbolo, conseguirá talvez mais do que ideou: - curar os “surdos” que não querem ouvir, e os “mudos” que falam demais. Então, como o há de beijar contente Perperina, a Babá que tomou conta de Jorge Sérgio quando ele tinha vinte e um dias, e continua a cuidar do “seu

²⁰Álvaro Moreyra (Porto Alegre, 23 de novembro de 1888 – Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1964) foi um poeta, cronista e jornalista brasileiro.

menino”, - o “seu menino”que ficou um grande homem! (GUIMARÃES, 1961, p.6)

A despeito do tom religioso nesse prefácio, percebe-se que realmente existem traumas linguísticos na época de Guimarães, especialmente a forma como os surdos foram contidos pelo oralismo, na tentativa de usar outras formas de comunicação, como, por exemplo, a língua de sinais, que não era bem aceita nesta época. Ao ser comparado com Helen Keller, o escritor surdo, provavelmente pela sua atitude linguística, evidencia que muitos surdos não tinham as mesmas habilidades linguísticas de Guimarães, embora monitoradas também pela equipe da fonoterapia, cujo ponto de vista da fonoaudiologia é diferente do atual em termos de ideologia.

Os escritos autobiográficos de Guimarães, mesmo que tratem da importância do oralismo, foram feitos atendendo à necessidade de informações sobre a surdez de quem, em sua época, não possuía a noção precisa do que é ser surdo (no sentido linguístico), que a sociedade contemporânea tem graças ao acesso a artigos relacionados com o gênero em mídias tanto impressas quanto virtuais.

Pollak entende que qualquer silêncio, aprisionando tais documentos deve ser rompido²¹:

Frente al silencio de los documentos de archivo, sólo historias de vida detalladas permiten estudiar las articulaciones entre la experiencia concentracionaria, la vida anterior y el trabajo de adaptación a la vida ordinaria al retorno de los campos (y esto quiere decir que nosotros no podemos sino proponer una problemática y una interpretación, y no pretender hacer un análisis exhaustivo). Estos documentos biográficos resultan de la voluntad del autor de recordar, e de transmitir ese recuerdo. (POLLAK, 2006, p.71)

Os escritos autobiográficos de Guimarães, como esperado desde o início, são inerentes ao silêncio, visto que permanecem praticamente esquecidos. Todavia, ao mesmo tempo, são importantes enquanto representações da memória da verdade surda dos anos 60.

²¹Trecho traduzido livremente do espanhol: Frente ao silêncio dos documentos de arquivo, só histórias de vida detalhadas permitem estudar as articulações entre a experiência concentrária, a vida anterior e o trabalho de adaptação à vida ordinária ao retorno dos campos (e este queria dizer que nós não podemos senão propor uma problemática e uma interpretação, e não pretender fazer uma análise exaustiva). Estes documentos biográficos resultam na vontade do autor de recordar, e de transmitir essa lembrança. (2006, p.71)

3. NARRANDO A METODOLOGIA

Os dados analisados emergiram de três fontes distintas: 1) das crônicas escritas por Guimarães; 2) de entrevistas narrativas realizadas com a sobrinha e uma amiga do autor; e 3) fotografias. Para a análise dos dados foi utilizada a Redução Temática, método que constitui-se em um procedimento gradual de redução do texto qualitativo. As reduções operam com generalização e condensação do sentido. A análise das entrevistas pela redução temática tem, como produto final, uma interpretação das entrevistas juntando estruturas de relevância dos informantes com as do entrevistador, essa fusão de horizontes, comentam os autores, é um processo hermenêutico (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.107). A redução temática foi utilizada tanto para a análise dos textos escritos como para a análise das entrevistas. Em relação às fotografias, o procedimento foi o de descrever imagem por imagem em vez de analisá-las:

Para a descrição de imagens tanto estáticas quanto dinâmicas, é importante observar um dos princípios da audiodescrição: descrever objetivamente aquilo que se vê, sem inferências pessoais, priorizando os seguintes elementos: O QUE/ QUEM, COMO, ONDE E QUANDO. Os adjetivos são sempre usados com cuidado para não expressar a opinião de quem descreve, como, por exemplo, neste caso: linda, bonita, maravilhosa. O objetivo da audiodescrição é fornecer elementos descritivos que permitam que o outro construa seu entendimento e interpretação. (MOTTA, 2011, p.38). *forma correta de referenciar a obra/sistema autor-data

Como objetivos, a pesquisa buscou:

- Compreender, a partir da escrita autobiográfica, a trajetória de um autor surdo da década de 60;
- Analisar as representações das décadas de 50 e 60 sobre os surdos e a surdez, no Brasil, a partir dos escritos autobiográficos de um escritor surdo;
- Trazer ao conhecimento da comunidade surda um autor surdo que apresenta importantes dados sobre a história da surdez, no Brasil.

3.1 Entrevistas temáticas

Foram realizadas entrevistas com duas pessoas próximas do autor: Mirella Colonese Guimarães Nunes e Maria Regina Forin Tavares Pais. As entrevistas foram realizadas em duas oportunidades diferentes. A sobrinha de Guimarães, Mirella, foi encontrada através de um site de genealogia. Maria foi amiga de Guimarães e costumava trocar assuntos íntimos com ele. Mirella foi entrevistada por meio do Skype, uma vez que ela mora em Nova Petrópolis, Rio de Janeiro. Já Maria, diferente da entrevista de Mirella, foi entrevistada pessoalmente, em Libras, na residência dela, em Belo Horizonte. As respostas foram anotadas em Português, em um bloco de notas.

Ambas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido para cederem suas informações e fotografias. Nos dois casos, a entrevista temática atendeu perfeitamente às necessidades da pesquisa, permitindo a profundidade do assunto por meio das pessoas mais próximas citadas. O cerne da entrevista foi a trajetória artística de Guimarães. Delgado destaca que as entrevistas temáticas facilitam o trabalho do pesquisador:

São entrevistas que se referem a experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados. As entrevistas temáticas podem, por exemplo, constituir-se em desdobramentos dos depoimentos de história de vida, ou compor um elenco específico vinculado a um projeto de pesquisa, a uma dissertação de mestrado ou a uma tese de doutoramento. (DELGADO, 2006, p.22)

Montenegro (1994), por sua vez, sugere que a entrevista permite obter a desejada quantidade de informações:

Muitos entrevistados vão unir o saber cotidiano de experiências vivenciadas intensamente a uma compreensão da vida e do mundo que transcende as determinações imediatas. Eles se descobrem narradores na acepção benjaminiana, ou seja, “figuram entre os mestres e sábios”, sabendo dar “conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio”. (MONTENEGRO, 1994, p.44)

Como metodologia de análise de dados, a opção foi pela Redução Temática, compreendendo os textos do livro como narrativas. Roland Barthes comenta sobre

não haver povo sem narrativa, independente da forma de narrar, e que é necessário existir ao menos algo que lhes considere relevante para ser narrado:

a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar nenhum povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm as suas narrativas, muitas vezes essas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, até mesmo opostas: a narrativa zomba da boa e da má literatura: internacional, transhistórica, transcultural, a narrativa está sempre presente, como a vida. (BARTHES, 1993, p.104)

Em termos metodológicos, optou-se por usar a narrativa escrita como forma de análise. De acordo com a Jovchelovitch e Bauer (2002), a narrativa soa discurso em razão da experiência do sujeito. Os autores defendem que:

Comunidades, grupos sociais e subculturas contam histórias com palavras e sentidos que são específicos à sua experiência e ao seu modo de vida. O léxico do grupo social constitui sua perspectiva de mundo, e assume-se que as narrativas preservam perspectivas particulares de uma forma mais autêntica. Contar histórias é uma habilidade relativamente independente da educação e da competência linguística; embora a última seja desigualmente distribuída em cada população, a capacidade de contar história não o é, ou ao menos é em grau menor. (2002, p.91)

Outro aspecto importante diz respeito ao fato de quanto a metodologia conduz o pesquisador, segundo Barros:

a 'metodologia' remete a uma determinada maneira de trabalhar algo, de eleger ou constituir materiais, de extrair algo destes materiais, de se movimentar sistematicamente em torno do tema definido pelo pesquisador. A metodologia vincula-se a ações concretas, dirigidas à resolução de um problema; mais do que ao pensamento, remete à ação. Assim, enquanto a 'teoria' refere-se a um 'modo de pensar' (ou de ver), a 'metodologia' refere-se a um 'modo de fazer' (2005, p.80).

3.2 Os encontros com as pessoas íntimas de Guimarães

O contato com duas entrevistadas foi estabelecido através de duas viagens realizadas. A sobrinha de Guimarães, Mirella Colonese Guimarães Nunes, que é do Rio de Janeiro, foi entrevistada, em Português pelo chat do Facebook, e a amiga

íntima do escritor surdo, Maria ReginaForin TavaresPais, com quem os diálogos, ao vivo, foram em Libras, na residência dela, em Belo Horizonte. Ambas concordaram em ceder seus nomes ao público, pois acreditaram que é importante colocar Guimarães de volta à mídia, conforme assinaram seus termos de consentimento. O contato com Maria Regina ForinTavaresPais foi baseado na primeira viagem de pesquisa ao Rio, em que algumas pessoas próximas dela sugeriram que ela devesse ser entrevistada, pois foi namorada de Guimarães na juventude.

As primeiras conversas com Maria Regina ocorreram pelo Skype. A segunda viagem a Belo Horizonte, no entanto, trouxe muitas informações ricas, especialmente a respeito da família de Guimarães. A sobrinha de Guimarães foi descoberta por meio de um site relacionado à genealogia, a partir da sugestão dada pela amiga de Guimarães. As conversas iniciais com a sobrinha, via Facebook, foram agradáveis e surpreendentes. Inclusive, ela demonstrou-se orgulhosa por ser sobrinha do tio tão autêntico. Entretanto, de acordo com ela, nunca foi mencionada pelo seu pai, falecido há cinco anos, para ela. A única coisa que ela sabia acerca do escritor surdo era o fato de ele ser um artista.

A amiga, com 76 anos na ocasião, mostrou os materiais que Guimarães lhe deu, entre eles o livro de crônicas e os outros de poesias, e disse que Guimarães era bastante apaixonado por ela. Todavia, ela não sentia algo por ele, ou seja, ela o considerava como amigo e irmão.

No ponto de vista dela, na época, ele era bastante antagonista à língua de sinais, ou melhor, às mímicas, e vivia dizendo que o oralismo trazia melhores benefícios à vida de muitos surdos. Ela deixou claro que se Guimarães estivesse vivo ele aceitaria o que é reconhecido na atualidade – a Libras, por exemplo –, porque na época ele simplesmente era educado assim, como muitos surdos, a entender o quanto o oralismo era importante. Foi como um processo natural. Enquanto amigos eles costumavam frequentar a confeitaria mais tradicional do Rio, Cristovão Colombo. Perguntada se Guimarães era boêmio ela respondeu que ele “era muito certinho”. Ela comentou das experiências adquiridas na Associação de Surdos de Alvorada, justamente onde eles se conheceram. Ela foi diretora do departamento social e Guimarães o secretário. Questionada sobre o lançamento do livro de Guimarães, ela afirmou não se lembrar, porque foi quando eles se afastaram, após ela recusar o pedido de namoro feito por Guimarães.

Ela ainda descreveu seu amigo íntimo e afirmou que ele era contra a língua de sinais por essa não ser disseminada na sua época. Seguem-se as falas dela, em Libras, transcritas para o Português:

Ele era tão oralizado e falava bem também, mas era contra a língua de sinais. Teve um fato bastante absurdo: quando nós passeávamos em um shopping apareciam uns surdos conversando em língua de sinais, aí Jorge fingia que não os via, e não desejava falar com nenhum surdo que usava a língua de sinais, apesar de ele se dar bem com surdos. Ele adorava Helen Keller e lia os livros sobre ela, além de trocar cartas com ela. Mas se ele estivesse vivo agora iria aceitar outros meios linguísticos com certeza, pois a minha época era muito tensa, onde o oralismo era o ponto central. Ah, ele era funcionário do Ministério da Fazenda do Rio. Justamente foi chamado quando ele estava prestes a viajar aos EUA, a ponto de conhecer a primeira faculdade para surdos do mundo. Se ele fosse para lá, talvez a história dele fosse diferente da que está sendo apresentada. (Entrevistada I, 2014).

Maria ainda ressaltou que a Educação de Surdos dos anos 60 é bastante diferente da atual, pois, hoje, temos muitas opções linguísticas. O oralismo agora é apenas uma das opções, por exemplo.

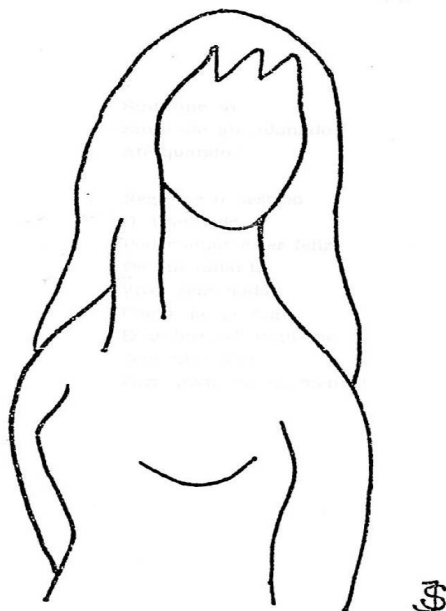


Figura14: Ilustração feita pelo autor, parte do livro *Ânsia de Amar*, representando Maria, de acordo com a própria.

Fonte: *Ânsia de Amar* (GUIMARÃES, 1977, p.7).

SINTO-ME SÓ...

Sinto-me só...
 Sinto-me abandonado...
 Até quando?

Nega-me o destino
 O direito de
 Poder amar e ser feliz?...
 De que adianta
 Viver sem nada?
 Como me persegue
 Essa terrível angústia.
 Sem ninguém
 Para amar intensamente?...

Figura 15: Este poema expressa os sentimentos que Guimarães possuía por sua amiga, conforme a própria Maria comentou.

Fonte: *Ânsia de Amar*(GUIMARÃES, 1977, p.15).

Antes das entrevistas com a amiga de juventude de Guimarães, as poesias e os desenhos não explicitavam os elementos abordados por Guimarães, pois foram publicados de forma póstuma pelos pais dele, em uma forma de homenagem ao seu filho.

Agora, com as conversas com ela, as intenções de Guimarães se tornaram claras e a entrevistada garantiu que o desenho (figura 14) representando a mulher era ela própria. Segundo ela, as poesias foram um modo de o autor chamar a atenção dela, e tem a ver com o fato dela recusar o pedido de namoro.

Depois da entrevista com a amiga, as conversas com a sobrinha de Guimarães começaram virtualmente, uma vez que ela mora em Nova Petrópolis, Rio de Janeiro.

Na rede social mais popular, Facebook, a solicitação de amizade foi enviada a ela e, uma semana depois, ela a aceitou, graças à mensagem deixada no chat, explicando a intenção de fazer contato com ela e saber mais sobre seu tio. Ela não

sabia muito sobre ele, mas foi recorrer a sua meia-irmã mais velha, com o intuito de obter informações objetivas.

Segundo a irmã mais velha, a partir do que sua mãe contou de seu tio, ele era muito inteligente. Lia muito e escrevia, mas, apesar disso, ele se sentia incompreendido por todos. A avó dela, mãe do escritor surdo, cuidava dele o tempo todo. De acordo com essas informações, é bem provável concluir que a morte precoce dele se deva ao fato de ele estar cansado de sofrer. As sobrinhas acreditam que ainda há muita coisa que seu pai não quis contar a respeito do seu tio:

Pra falar a verdade, lembro pouco do titio, quando ele morreu ainda éramos novinhas, e tudo relacionado a ele era meio segredo... A única coisa que posso te adiantar é que não ficamos com nada dele, tudo tinha ficado com o papai. Não falavam, porque o titio, além de surdo, era uma pessoa problemática... (Entrevistada II, 2014)

Pelas palavras dela e de sua irmã mais velha, o escritor surdo ainda é um mistério para elas. Incompreendido pela sociedade ouvinte, certamente esse é um dos motivos da memória de Guimarães permanecer desconhecida por completo, inalcançável às gerações passadas até à atual.

As entrevistadas, consideradas as únicas fontes, foram importantes no processo de pesquisa. Os dados coletados com as entrevistas coincidem com a afirmação de Ladd (2013) sobre o discurso do oralismo:

Tal evidência parece contribuir com respostas para perguntas que, nos últimos anos, a que designei de Ressurgimento Surdo, as pessoas encontraram o espaço psicocultural para começar a fazer: Em que poderia tornar-se uma pessoa Surda e uma comunidade Surda? O que poderíamos ter sido se não nos tivessem tirado a língua gestual e os professores Surdos da Educação dos Surdos depois do Congresso de Milão de 1880, uma data tão carregada de significado para nós como é o ano de 1492 para os índios Americanos. O que poderíamos ter sido se não tivéssemos sido forçados a sofrer um século de iliteracia na escrita, sentindo vergonha de nós próprios e estigma? Quem e o que fomos nos séculos que antecederam a chegada de tais proibições, quando os profissionais Surdos e o orgulho Surdo foi supostamente muito mais forte? E o que podemos nós retirar desses tempos que possam informar os passos principiantes que devemos tomar para este século XXI? (LADD, 2013, p.4).

No ponto de vista de Padd, o objetivo do oralismo é aproximar os surdos da sociedade majoritária, ou seja, tornar os surdos “ouvintizados”, o que, para os pesquisadores da Educação de Surdos, é considerada opressão ouvintista. No caso

do escritor surdo, mesmo que sua concepção de oralidade seja nítida, pelo conteúdo de suas crônicas, ainda assim ele não pode ser entendido como um “alienado linguístico”, no sentido de que ele era submetido pelos ouvintistas ao oralismo. Vale lembrar que, na época do escritor surdo, a ignorância majoritária em relação à surdez linguística era grande.

A Redução Temática fez emergir seis categorias diferentes diante do material analisado, são eles: Política, Surdez, Educação, Oralismo, Língua de Sinais e Língua Portuguesa. Cada categoria foi organizada a partir dos temas reincidentes nas produções escritas de Guimarães:

Tabela 1: Categorias temáticas definidas

TEXTOS	Política	Surdez	Educação	Oralismo	Língua de sinais	Língua Portuguesa
Viva o Progresso!	X	X	X	X		X
Não me envergonho de ser surdo		X		X		X
Como conheci Helen Keller	X	X	X	X	X	
Surdos também têm sua associação	X	X	X		X	
O milagre da fala		X	X	X		X
Vitória da médica surda	X	X				
Surdos são bons motoristas?	X	X				
Inesquecíveis!	X	X	X	X	X	
O que é a escola Helen Keller?	X	X	X	X	X	X

O irrequieto “Mr. Emotion”		X		X		
Hino ao surdo brasileiro						
Estudos da Voz Humana			X	X		
Instituto Santa Terezinha	X	X	X	X	X	X
Pintora Consagrada			X	X		X
Enfim, o artigo 91!	X	X	X	X	X	X
Glorifiquemos nossas mães!		X	X	X		X
O Admirável Padre Vicente	X	X	X	X	X	X
HappyBirthday !	X	X	X	X	X	
Novas oportunidades	X	X	X	X		X
A razão do meu tributo		X	X			
Podemos fazer teatro?		X	X			X
Trocando ideias	X	X	X	X		
Meu Deus, isto fala...		X		X		
Tambaú, terra dos milagres		X				
GallaudetColle ge	X	X	X	X		

Por que Elza Dreifuss foi executada?	X	X				
Causas da Surdez		X				
Entrevistando Maria Regina	X	X	X	X		X
Príncipe Dom Jaime de Bourbon		X		X		
Quando teremos concurso literário?	X	X	X			
Excursão na Capital Bandeirante		X	X	X		
Clínica John Tracy		X	X	X		
A Surdez não é obstáculo!		X	X	X	X	X
Uma enfermeira chamada Maria Burnier		X	X	X		X
Federação Mundial dos Surdos	X	X	X	X		
Por que não fazer o serviço militar?	X	X		X	X	
Você sabia que...		X	X	X	X	
Mensagem de Gratidão	X	X	X	X	X	X
Associação de Assistência à Criança Surda		X	X	X		

Até onde vamos?	X	X	X			
Apelo ao futuro Presidente da República	X	X	X	X		X

Fonte: Tabela desenvolvida pelo autor.

O exemplo a seguir explicita o procedimento de análise de textos, a ponto de distinguir a razão como primeira redução e a categoria, como segunda redução.

Tabela 2: Primeira e segunda reduções temáticas realizadas

Transcrição Literal	Primeira Redução	Segunda Redução - Categoria
Entusiasmei-me ao saber que o “Instituto Nacional de Educação de Surdos” pretendia lançar, pela primeira vez, um concurso literário para surdos brasileiros, conforme foi noticiado num jornal de grande divulgação. Não pude deixar de aplaudir a ideia apresentada, que me pareceu excelente, porque serviria como um passo decisivo, para valorizar os méritos intelectuais dos que não ouvem. Não me surpreenderei, se algum deficiente da audição tiver a audácia de escrever um romance ou, mesmo, uma peça teatral. Por que não? Por falar nisso, o concurso proporcionaria aos interessados a chance de revelar as suas verdadeiras aptidões, em qualquer gênero da literatura, despertando, assim, em nós, o espírito criador, que precisa ser explorado, para criações de natureza construtiva. Na ânsia de inscrever-me, ia apresentar algumas poesias da minha autoria, mas, para nosso desapontamento, o tão significativo concurso não chegou a ser iniciado. Não sei por que motivo. Algum imprevisto? Da minha parte, desejo fazer aos dirigentes do INES uma pergunta: Quando teremos concurso literário? (GUIMARÃES, 1961, p.75). Publicado originalmente no <i>Jornal das Moças</i> , em 19/05/1960.	• A indignação do autor com o cancelamento do concurso literário em Língua Portuguesa para surdos. • Surdos podem escrever romances ou peças teatrais. • Surdos podem revelar aptidões em qualquer gênero da literatura. • Guimarães escreve poesia.	• Domínio da escrita em Língua Portuguesa.

Fonte: Tabela desenvolvida pelo autor.

Como critério para a organização das categorias, foi utilizada a recorrência de temas relativos à surdez. Esta recorrência apresentou discrepâncias, como por exemplo entre o conceito de surdez (maior número de comentários diagnosticados) e língua de sinais (tema com menor índice de recorrência). Neste caso privilegiou-se, além da recorrência, o fato do excerto estar vinculado à temática da experiência com a surdez. Então, mesmo que a categoria língua de sinais apresente um número pequeno de recorrências, ela se constitui em foco de análise por sua importância no discurso do autor acerca da comunidade surda dos anos 60, sobre suas experiências e opiniões.

Arfuch (2005, p.144) sugere que o conceito de crônica pode se equivaler ao diário, sendo considerada parte da escrita autobiográfica. As crônicas do autor surdo são uma metáfora de diário, pois Guimarães bem tentava comentar o seu cotidiano, no qual encarava os fatos sofríveis da sua época, que são diferentes do contexto contemporâneo em razão do amadurecimento do conceito de Surdez.

As categorias analisadas, portanto, ajudam a compreender como era a realidade surda da década de 60, além de permitir conhecer melhor o escritor surdo.

Serão apresentadas, a seguir, as categorias que emergiram da análise do livro de Guimarães.

3.3 Oralismo

A categoria Oralismo evidencia a repercussão desta metodologia na Educação de Surdos. Guimarães sempre contrapõe o oralismo ao uso dos sinais, enaltecendo as vantagens do primeiro.

Os estudos linguísticos sobre línguas de sinais eram desconhecidos de Jorge Sérgio, que defendia arduamente o oralismo na Educação de Surdos. Também é interessante constatar que o autor desconhecia a complexidade da Língua de Sinais.

O alfabeto manual, invenção do Abade de L'Epée, representa o alfabeto comum em que cada letra é demonstrada por uma diferente posição dos dedos; não traz vantagens por ser prolongado e exaustivo, como também causa embaraços para ouvintes que não entendem o menor sinal. Hoje em dia não se ensina mais o alfabeto manual, nem a mímica convencional dos surdos, mas sim a fala natural e a leitura dos lábios (GUIMARÃES, 1961, p. 19, publicado originalmente no *Shopping News*, do Rio, em 29/06/1958).

Em outras crônicas analisadas, também aparece a referência à importância da oralização. Segue-se trecho de outra crônica chamada “Você sabia que...”:

Helena, filha da marquesa ElizabettaPancelli e sobrinha do finado Papa Pio XII, ficou surda, em consequência de uma otite purulenta, que a atacou aos 6 anos de idade, conseguindo agora falar com alguma facilidade? (GUIMARÃES, 1961, p.97, publicado originalmente no *Jornal das Moças*, em 15/09/1960).

Percebe-se que Guimarães foi instruído pelo oralismo a desenhar suas conclusões sobre a surdez e a importância dos surdos serem oralizados. O trecho acima dá a entender que na época dele a medicina era relevante para a surdez, por completo. Nos dias de hoje, ela é questionada de forma geral, por todos, em vez de ser vista como doença. Em outra crônica analisada, ligada à mesma categoria, o título da mesma é bastante interessante: “Federação Mundial dos Surdos”, cuja questão é mencionada com muita frequência pela Comunidade Surda Contemporânea.

Habitualmente, a Federação fornece dados importantes às organizações de caráter internacional como U.N.E.S.C.O., O.M.S. e O.I.T. para que estas examinem cuidadosamente a nossa situação. Aliás, têm recomendado que seja apoiado e divulgado com uma campanha gigantesca o método oral, através do qual o surdo aprende a falar, sob a orientação de um professor de longo tirocínio. (GUIMARÃES, 1961, p.91, publicado originalmente no *Jornal das Moças*, em 28/07/1960).

Na época do escritor surdo, o método oral, aparentemente, era global. Atualmente, a postura da Federação Mundial dos surdos é diferente, passando a defender todas as formas linguísticas, porém, predominantemente, a língua de sinais, compreendida como a primeira língua dos surdos, e também como direito humano dos surdos.

Apresenta-se, a seguir, um conjunto de duas fotografias em um mural, que foi enviado pelo jornal *O Globo*, contendo seus direitos, com a marca d'água do jornal. O escritor surdo estava em uma cerimônia, provavelmente no lançamento do seu livro, devido ao aparecimento dos exemplares na mesa. É interessante notar que, mesmo sendo surdo profundo, está tentando fazer oralmente seu discurso, denotando a obrigatoriedade da fala aos surdos, no período, a partir da proposta educacional de oralização dos surdos, vigente na época.



25484-001



25484-002

Figura 16: Jorge Sérgio L. Guimarães durante o lançamento do seu primeiro livro.
Fonte: Fotografias cedidas pelo jornal *O Globo*.

Esta fotografia dá a ideia de como era a realidade surda dos anos 60, o que, hoje em dia, em relação ao oralismo, é bastante diferente da atual realidade surda. Muitas memórias sobre o oralismo e a língua de sinais, no entanto, não se relacionam amigavelmente desde que o Congresso de Milão decretou o método oralista. Oralismo do século XXI, para muitos surdos, passou a ser uma opção, não uma obrigação predominante.

Em outra crônica selecionada, com o título “Surdos também têm sua associação”, é tratada a importância da associação de surdos, ou seja, o escritor surdo defende que o conceito de associação de surdos é mais importante do que outros itens relacionados à surdez, em termos de representação e comunicação:

Pela primeira vez no Brasil, criou-se uma autêntica associação – Associação Alvorada – para surdos falantes, sem distinção de idade, raça ou religião. Uma instituição genuinamente brasileira, fundada em 16 de maio de 1953. A exemplo dos clubes, associações e sociedades que existem na Europa, na América do Norte e em alguns países sul-americanos, esta auspiciosa iniciativa é importante para nós, e pode trazer grandes benefícios para aqueles que vivem isolados num mundo de silêncio, e se afastam do contato das pessoas ouvintes. Nessa época, só havia uma dezena de deficientes da audição, quando se realizou a primeira reunião. Após 5 anos de funcionamento, o recente número de sócios vai pela casa de 160, o que representa um progresso espantoso e uma vitória que anima, de fato, o espírito desta turma corajosa e admirável. Provavelmente, os leitores não sabem qual a diferença entre “surdos mudos” e “surdos falantes”. Os primeiros não falam, só se expressam por meio da mímica, ao passo que os últimos aprendem a falar e ler os lábios, mantendo uma conversação normal, apesar do seu sotaque que, na maioria dos casos, se assemelha ao do estrangeiro. O atual presidente é o Pe.

Vicente de Paulo Penido Burnier, único sacerdote vivo, totalmente privado da audição, que fala e entende cinco idiomas, além do português. Uma das pessoas mais notáveis pela sua excepcional inteligência e grande força de vontade, que já conheci. A obra deste homem já é um incentivo para todos aqueles que não ouvem. A atual diretoria da associação é formada por membros também surdos, mas de grande aptidão. Dela fazem parte o sr. João Escobar Filho, vice-presidente; a srta. Vilma Máximo Rosas, tesoureira; o sr. Nélio Maldonado, diretor-esportivo; o sr. Aylmar Bousquat, técnico de voleibol; a srta. Olga Maria Penido Burnier, diretora social; e a srta. Maria Regina Forín, bibliotecária. Apesar das dificuldades financeiras, todo este grupo, inspirado pelo ideal de verdadeiro patriotismo, vem trabalhando ativamente pelo desenvolvimento da Associação Alvorada, confiante em vencer todas as barreiras. (GUIMARÃES, 1961, p.19-20). Publicado originalmente no *Shopping News*, do Rio, em 25/05/1958.

Mesmo que Guimarães valorize o oralismo para aproximar o surdo da sociedade majoritária, percebe-se que ele reconhecia a relevância da associação de surdos. Segundo a amiga de Guimarães, o escritor surdo também foi secretário da associação mencionada.

3.4 Surdez

Esta categoria trata dos sentimentos do escritor surdo, bem como da realidade dos surdos dos anos 60, sobre o conceito de surdez, assim como a compreensão de surdez pela sociedade da época. O tema que forma esta categoria aparece em todas as crônicas analisadas. Através desta categoria é possível compreender os sentimentos surdos dos anos 60 em termos de linguística e as reivindicações a respeito da surdez, conduzida pelo oralismo exposto pela sociedade.

Na crônica “Príncipe Dom Jaime de Bourbon”, o escritor surdo fez questão de confessar que ficou emocionado com a reportagem sobre a história de amor entre a cantora Carlotta Tiedlmann e o príncipe Dom Jaime de Bourbon.

Um ano atrás, tive ocasião de ler uma reportagem emocionante, que relatava a verdadeira história de amor entre a cantora Carlotta Tiedlmann e o príncipe Dom Jaime Leopoldo Henrique Alexandre Alberto Afonso Vitor de Bourbon, mais conhecido como o Duque de Segovia. No entanto, o mais notório é que esse nobre de sangue azul é surdo-mudo de nascença. Na realidade, o duque surdo era um homem infeliz e sofria do complexo de solidão e angústia. Afogava as suas mágoas, bebendo nas “boites” da Roma e Paris, até que apareceu Carlotta que iria mudar o seu destino,

como num conto de fadas. Conheceram-se casualmente, numa reunião social. [...] não faziam, geralmente por indiferença. Gostaram um do outro, como qualquer par de namorados. Pouco depois, Carlotta abandonou a carreira artística para salvar o seu amado do naufrágio moral curando-o com ânimo constante e carinho, de que ele tanto precisava. (GUIMARÃES, 1961, p. 74, publicado originalmente no *Jornal das Moças*, em 5/05/1960).

Essa crônica apresenta a relação nobre entre uma ouvinte e um surdo, baseada nos sentimentos deles. Qual a intenção do escritor surdo com esse texto? Logicamente, sensibiliza-se porque ele é surdo como eles, e não deixa de mencionar o que é relacionado com a surdez, por meio do termo surdo-mudo, com que ele se referia aos surdos que usavam a língua de sinais. Em seu livro *Em busca da Surdidade*, Ladd (2013, p.42) destaca que nenhuma veracidade surda é testemunhada por pessoas ouvintes. Por essa consequência, entende-se que autores surdos têm mais sensibilidade em transmitir as veridades surdas, assim como o escritor surdo fez questão de apresentar o verdadeiro lado do Príncipe Jaime de Bourbon. Ladd questiona, também, o fato de pessoas ouvintes ocultarem a verdadeira história dos surdos, pelo fato de que o oralismo havia acabado com o direito de uso da língua de sinais por meio da atrocidade dos personagens que insistiam em medicar, de maneira equivocada, os surdos.

Em outra crônica analisada, aparecem novamente os sentimentos surdos, dessa vez a respeito do concurso literário para surdos. Na época em que o escritor surdo tinha dificuldades de inscrever seus textos em concursos literários e considerava o Instituto Nacional da Educação de Surdos como o lugar certo para realizar um concurso literário para surdos, que acabou por não acontecer. Observe-se o trecho da comentada crônica abaixo:

Entusiasmei-me ao saber que o “Instituto Nacional de Educação de Surdos” pretendia lançar, pela primeira vez, um concurso literário para surdos brasileiros, conforme foi noticiado num jornal de grande divulgação. Não pude deixar de aplaudir a ideia apresentada, que me pareceu excelente, porque serviria como um passo decisivo, para valorizar os méritos intelectuais dos que não ouvem. Não me surpreenderei, se algum deficiente da audição tiver a audácia de escrever um romance ou, mesmo, uma peça teatral. Por que não? Por falar nisso, o concurso proporcionaria aos interessados a chance de revelar as suas verdadeiras aptidões, em qualquer gênero da literatura, despertando, assim, em nós, o espírito criador, que precisa ser explorado, para criações de natureza construtiva. Na ânsia de inscrever-me, ia apresentar algumas poesias da minha autoria, mas, para nosso desapontamento, o tão significativo concurso não chegou a ser iniciado. Não sei por que motivo. Algum imprevisto? Da minha parte,

desejo fazer aos dirigentes do INES uma pergunta: Quando teremos concurso literário? (GUIMARÃES, 1961, p.75, publicado originalmente no *Jornal das Moças*, em 19/05/1960).

A crônica revela esse desapontamento a respeito dos que não ouvem serem excluídos de qualquer meio social, independente das suas identidades surdas. Tal concurso literário não realizado deixou o escritor surdo bastante indignado porque talvez a decisão do INES houvesse sido feita em razão do baixo número de surdos brasileiros que se expressavam em língua portuguesa.

A seguir, a fotografia de uma entrevista realizada com Guimarães, publicada em 1955, na revista extinta intitulada *Revista de Ensino ao Surdo*, do Rio de Janeiro. A entrevista evidencia alguns sentimentos do escritor surdo: fala da surdez como desgraça, o quanto a oralização causava sofrimento, entre outros temas. Pela estética linguística dessa matéria, as perguntas escritas foram enviadas ao entrevistado Guimarães.



Figura 17: Entrevista publicada na *Revista de Ensino ao Surdo*, em 1955
Fonte: *Revista de Ensino ao Surdo*

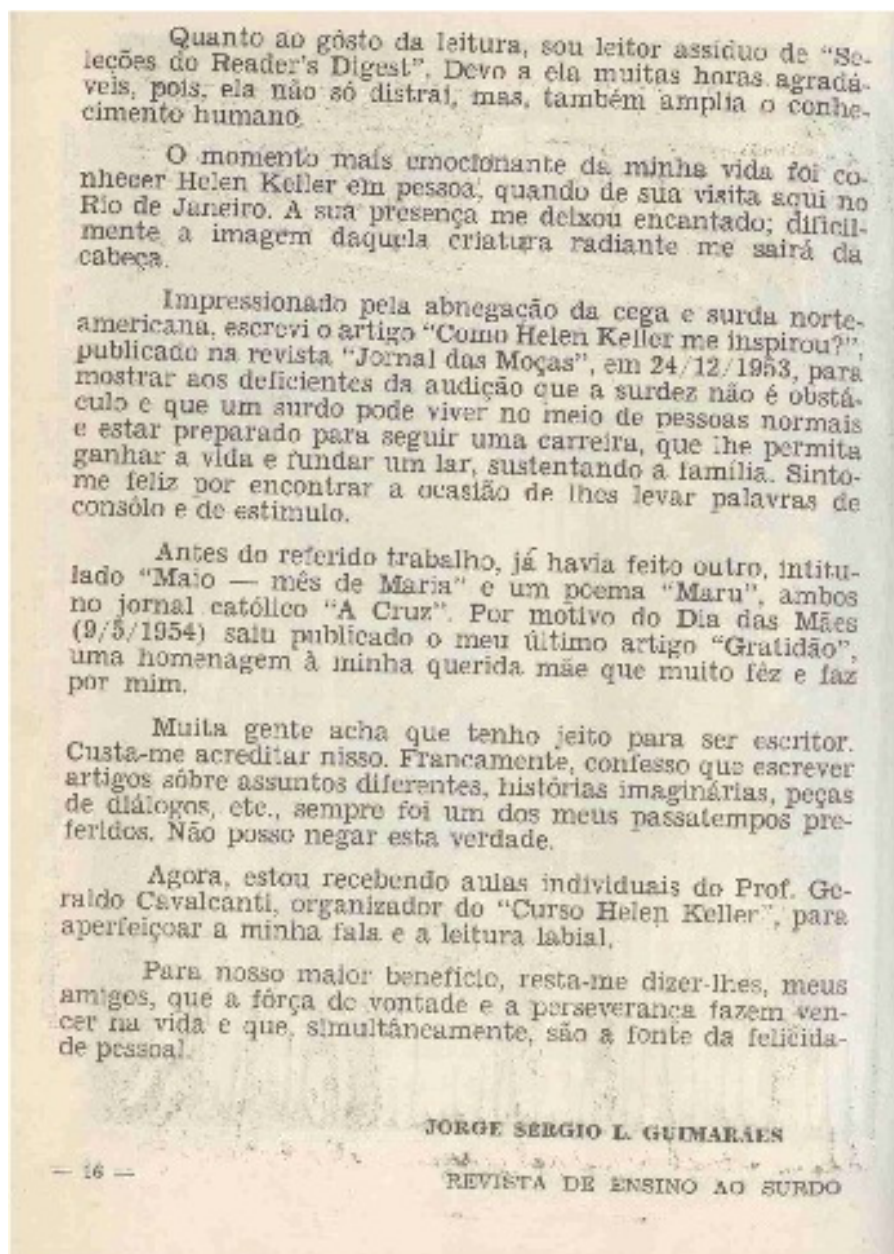


Figura 18: Entrevista publicada na *Revista de Ensino ao Surdo*, em 1955
 Fonte: *Revista de Ensino ao Surdo*

Nos trechos da entrevista, podemos perceber que Guimarães relata sobre o que experienciou, sobre o que sentiu. Tedesco destaca papel da experiência em conexão com a memória:

A experiência está intimamente em conexão com a memória. Na noção comum de experiência estão presentes elementos como repetição, vivido, passado, relação entre ambiente objetivo e consciência individual, diferença em relação ao que se sabe. A ausência de ritos de tradição, de simbologias e dos valores materiais da memória, provoca, concomitantemente, a degradação da mesma, o abandono pelos indivíduos dos conteúdos de sua própria memória. As modificações no ambiente objetivo são registradas na

experiência na medida em que vêm a constituir o fundo histórico mutável sobre a qual se sedimentam. Esse processo problematiza a memória e introduz modificações no aparato sensitivo do indivíduo, um fechamento da memória profunda ao acesso aos objetos do vivido cotidiano familiar. (TEDESCO, 2004, p. 100)

A partir das experiências e dos registros de Guimarães podemos compreender muito do que acontecia linguisticamente com os surdos, em sua época.

3.5 Política

Esta categoria tem como objetivo compreender os efeitos da política da época do escritor surdo em relação à surdez, por meio de suas crônicas e fotografias. Pelas informações analisadas, fica evidente que a política, mesmo antes da chegada da ditadura militar, era bastante conservadora e valorizava o assistencialismo, enquanto a Educação de Surdos se encontrava mal atendida pelos órgãos governamentais. A crônica *Federação Mundial dos Surdos*, inserida nesta categoria, apresenta a visão da Federação sobre a surdez, que é diferente da atual:

Por incrível que pareça, os surdos brasileiros não têm ainda a sua própria nacional, instituição obrigatória para congregar inúmeras associações, espalhadas em diversos Estados do País. Se tal acontecer, a nossa federação poderá se filiar naquela federação mundial, para poder se inscrever nas Olimpíadas, nas exposições de arte, nos congressos, etc. Assim como para apresentar seus planos no propósito de defender os interesses comuns dos deficientes da audição e da fala, cujo número é bastante grande. (GUIMARÃES, 1961, p.90-91, publicado originalmente no *Jornal das Moças* em 28/07/1960).

Creio que, contando com a boa vontade e compreensão mútua das autoridades governamentais e parlamentares, além da aprovação das leis necessárias a nosso favor, haveremos de vencer, pois nos últimos anos, a humanidade tem sido muito beneficiada com grandes progressos, sob diversos aspectos. (GUIMARÃES, 1961, p.92, publicado originalmente no *Jornal das Moças* em 28/07/1960).

O escritor surdo estava consciente do que era a FMS, Federação Mundial dos Surdos, acreditava no quanto a FMS representava os direitos dos surdos, mesmo sob a observação ouvintista. No entanto, na sua época, a surdez era tratada

demaneira equivocada em termos de educação, por isso que, na sua crônica, ele fez questão de sugerir mudanças na política brasileira voltada para surdos. Em seu livro *A Máscara da Benevolência*, Harlan Lane (1992) afirma que esse caso aconteceu em muitos países, principalmente nos anos 60 e 70:

A maior parte das pessoas ouvintes, se for levada a pensar nos surdos, dão de imediato o salto do seu mundo para o mundo dos surdos, visto não terem mais nada em que se basear. Estas pessoas nunca leram nada sobre a linguagem e cultura dos surdos, por isso, esta passagem imaginária do mundo ouvinte para o mundo surdo é o único meio a que podem recorrer para tentarem obter um conhecimento mais real. (1992, p.22)

Então a surdez dos anos 60, no Brasil, é praticamente desconhecida para qualquer pessoa contemporânea, independente do campo ideológico, uma vez que a mídia não era tão forte e ao passo que a educação de surdos no Brasil estava longe de ser idêntica a dos EUA.

A outra fotografia (figura 19) analisada abaixo, enviada pela amiga de Guimarães, mostra uma ocasião especial, devido à presença do padre surdo Vicente (ao centro) – na qual o escritor surdo (a seta indica) estava com os demais surdos. Pelas condições limitadas de comunicação dos surdos com a sociedade ouvinte, principalmente pela proibição do uso da Língua de Sinais (até a década de 80), os mesmos começaram a organizar associações a fim de promover encontros, para a realização de atividades esportivas e, posteriormente, para lutar pelos seus direitos.



Figura 19: Guimarães e a comunidade surda celebram a presença do padre surdo.
Fonte: Acervo pessoal de Maria Regina Pais.

Em relação a essa fotografia (figura 19), a descrição da mesma relaciona-se com alguns dos textos escritos por Guimarães sobre encontros entre surdos, mesmo de forma limitada por razões políticas e clínicas. Esse tipo de encontro tem um objetivo importante: proteger o patrimônio da cultura surda²². Lane (1992) relata o exemplo da ação da política surda na Grã-Bretanha nos anos 70:

Confrontados com a tragédia da integração forçada na Grã-Bretanha, os membros da União Nacional Britânica dos Surdos culpavam formalmente o seu governo pela violação da Convenção das Nações Unidas sobre a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio. Este tratado proíbe as agressões mentais às crianças pertencentes a um grupo étnico, **eproíbe** a sua transferência forçada para outro grupo. De acordo com esta organização de surdos, a integração forçada prejudicará gravemente “não apenas as crianças surdas como o total direito destas crianças à linguagem e à sua cultura”. A sua já publicada Carta dos Direitos do Surdo estabelece que “as escolas para surdos estão, de facto, a ser forçadas a fechar e, consequentemente, as crianças de um grupo pertencente a uma minoria étnica/linguística, ou seja, as pessoas surdas estão a ser transferidas, de um modo forçado, para outro grupo, ou seja, o grupo dos ouvintes”, em violação à convenção das Nações Unidas. (LANE, 1992, p.133)

O excerto acima mostra uma situação revoltante para as comunidades surdas, em que muitos surdos se mobilizavam por causa da opressão da ignorância majoritária. O escritor surdo, inegavelmente, como vítima da opressão pelo seu respeito não ser atendido, faz questão de participar de encontros de surdos por ser igual na questão do compartilhamento de experiências surdas a eles. O período de 1880 a 1975 não foi bom para as comunidades surdas de países diferentes, Sánches julga o Congresso de Milão como marco negativo para a história dos surdos do mundo, o seguinte trecho explica como o Congresso de Milão foi uma angústia para muitos surdos²³:

²²No sentido da valorização da identidade surda, mesmo que a comunidade surda dos anos 50 e 60 ainda não reconheça o conceito de cultura surda, que foi visível somente no início dos anos 80.

²³Traduzido do espanhol para o português por mim: A partir do Congresso de Milão, em 1880, afetaram severamente o desenvolvimento das comunidades de surdos, especialmente na Europa. Não obstante o qual, os surdos mais esclarecidos mantiveram suas reivindicações, e suas queixas foram colhidas e tiveram eco em lugares nos quais as condições lhes eram menos adversas. Assim, no Congresso Mundial de Surdos, realizado em 1904, em Saint Louis, nos Estados Unidos, se proclama: os educandos surdos têm direito de ser ouvidos. Resolvem que o método oral proíbe aos surdos congênitos e quase congênitos o uso da língua de sinais; atenta contra os direitos humanos de criança, que os defensores do método oral, que estão levando uma campanha muito aberta como encoberta contra o uso da língua de sinais, não são amigos dos surdos; e que, em nossa opinião, é dever de todos os professores de surdos, independentemente do método que utilizem, ter um adequado domínio da língua de sinais. (SÁNCHEZ, 1990, p.55)

Todo a partir del Congreso de Milan, en 1880, afectaron severamente el desarrollo de las comunidades de sordos, especialmente en Europa. No obstante local, los sordos más esclarecidos mantuvieron sus reivindicaciones, y sus reclamos fueron recogidos y tuvieron eco en lugares en los que las condiciones les eran menos adversas. Así, en el Congreso Mundial de Sordos, realizado en 1904 en San Luis, en los Estados Unidos, se proclama: Los educandos sordos tienen derecho a ser oídos en este asunto (se refiere a la educación) y serán oídos. Resuelven que el método oral, que proscribió a los sordos congénitos y casi congénitos el uso de la lengua de señas, atenta contra los derechos naturales del niño; que los defensores del método oral, que han estado llevando una campaña tanto abierta como encubierta contra el uso de la lengua de señas, no son amigos de los sordos; y que en nuestra opinión, es deber de todos los maestros de sordos, independientemente del método que utilicen, tener un adecuado dominio de la lengua de señas. (SÁNCHEZ, 1990, p.55)

Esse trecho é somável à ideia de encontros entre surdos, especificamente usuários de língua de sinais, o que lhes permitia se comunicarem na língua dos surdos, mas escondidos, assim como vemos nessa reunião surda apresentada na fotografia acima. Ao mesmo tempo, revela uma realidade bastante angustiante por extinguir muitos professores surdos (no sentido da exoneração funcional) e afetar a autoestima de muitos surdos em submissão ao oralismo.

Pode-se entender que nos anos 50 e 60 as reuniões de surdos eram com o intuito de se comunicarem na língua de sinais, escondidos como uma política clandestina. Peruzzo (2004) vê a comunicação como um direito, que não restringe ao acesso à produção de informação.

Nesse sentido, as memórias comunitárias representam o papel de produção de linguagem, cultura, sociabilidade, hábitos e pensamentos. Dall'Otro (2012) reforça a importância da preservação da comunidade:

É fundamental que a comunidade se conheça e se articule para produzir notícias e informações. As histórias de vida e os eventos significantes de uma comunidade são parte da memória coletiva do local, não uma memória enquanto produto, mas constituída como um processo permanente de identificação, que nada mais é do que a construção da própria história, a partir do ponto de vista de quem está inserida nela. Deixa de ser o olhar distanciado da mídia enquanto o discurso do real, para ser o discurso moldado na identidade cultural de quem a vive. (2012, p.24)

Cada comunidade minoritária possui ideologia diferente e valoriza seus direitos linguísticos e sociais a ponto de se manter informada a respeito do que é falado e discutido enquanto a sua língua é respeitada pela sociedade majoritária. Em

seu livro *Comunidades Imaginadas*, Anderson (2009, p. 203) afirma que existe um tipo de comunidade em que apenas a língua pode promover suas atividades.

Voltando à fotografia apresentada (figura 19), é compreensível que o objetivo da presença do Padre Vicente seja transmitir informações relevantes aos surdos presentes por meio da língua de sinais. Guimarães escreveu uma crônica relatando a presença do Padre Vicente, o título da mesma é *O Admirável Padre Vicente*:

Ele que, nasceu surdo, soube superar o seu próprio defeito físico, com elevado senso de resignação. É uma criatura simplesmente admirável! Estudou e aprendeu a falar normalmente, com o professor Saul B. Carneiro falecido há anos atrás. Devo comentar que é uma façanha assombrosa, especialmente quando se trata de uma pessoa completamente surda. Onde se viu exemplo igual? O Padre Vicente é, sem dúvida, um dos homens mais inteligentes do mundo. Ele representa mais um motivo de inspiração para milhares de deficientes da audição. Dos seus 8 irmãos, 4 não ouvem também, mas receberam uma boa educação. Concluiu os estudos em 1917, mas havia o maior empecilho: não podia receber o Sacramento da Ordem sem permissão especial concedida pelo Vaticano, em virtude de sua deficiência auditiva. Durante algum tempo, usou a batina sem exercer o Ministério Sacerdotal, mas não ficou parado. Colaborou na Secretaria do Bispado e na Tesouraria da Igreja Catedral, na sua terra natal. Em 1950, foi a Roma a fim de resolver o seu problema. Conversou duas vezes com o Papa Pio XII e, com fé e tenacidade, conseguiu que lhe fosse outorgado o direito de ser acolhido no seio da Igreja. Finalmente, no dia 22 de setembro de 1951, teve a felicidade de receber a ordenação sacerdotal. (GUIMARÃES, 1961, p. 46-47, publicado originalmente no *Shopping News*, do Rio, em 31/05/1959).

Em nenhum momento o escritor surdo fez questão de ressaltar a língua de sinais em sua crônica porque ele foi instruído, desde cedo, a abraçar o oralismo e a entender que era proibido usar a língua de sinais em público. Quanto ao Padre Vicente, a intenção do escritor surdo, de valorizar a atuação dele como padre, tem a ver com a relação mútua, por eles serem surdos, ou seja, o escritor surdo se preocupa em valorizar seus pares bem-sucedidos. Atualmente, poucas pessoas surdas sabem a respeito de Padre Vicente, sobretudo através dos surdos idosos que o conheciam, segundo a amiga íntima de Guimarães.

O excerto da crônica intitulada “Por que Elza Dreifuss foi executada?” a ser apresentado a seguir, foi selecionado para esta categoria pelo tratamento xenofóbico. O escritor surdo não deixa de lamentar a morte de um par seu:

ELZA DIREIFUSS que não ouvia e não enxergava era uma pessoa extraordinária como a sua colega não menos célebre Helen Keller. Infelizmente, a sua vida foi curta, porém proveitosa. Morreu em plena juventude, contava apenas 32 anos de idade. Sua morte não foi natural, nem acidental, teve que morrer por questões políticas, porque era hebraica. Os seus últimos dias foram sufocados pelo ódio de Hitler, esse ditador cruel e ambicioso que queria dominar o mundo e exterminar a raça dos judeus. (GUIMARÃES, 1961, p.65, publicado originalmente no *Jornal das Moças*, em 24/03/1960).

Por ser hebraica, a sua condição não foi suficiente para evitar essa tragédia, dada como motivo político. Este trecho evidencia o abalo do escritor surdo, pois ele sabia que, na sua época, havia poucos surdos que possuíam suas faculdades. Antigamente, do ponto de vista médico, a surdez estava em análise, a ponto de ser revertida, o que, no entanto, não aconteceu. Mesmo hoje em dia, o Implante Coclear ainda não é uma forma de reversão, mas sim uma forma de auxílio auditivo. Feita a análise comparativa entre esse fato e o outro relatado por Strobel (2008), em relação à violência, no qual a autora comenta sobre o que se fazia com os surdos:

Assim, na Antiguidade, os sujeitos surdos eram estereotipados como 'anormais', com algum tipo de atraso de inteligência, devido à ausência de pesquisas científicas desenvolvidas na área educacional. Para a sociedade, o 'normal' era que: é preciso falar e ouvir para ser aceito, então os sujeitos surdos eram excluídos da vida social e educacional, não havia escolas para os sujeitos surdos e existiram muitas leis que não acreditavam na capacidade de surdos. (STROBEL, 2008, p.33)

Evidentemente, o escritor surdo não era excluído da vida social e educacional, mas exclusivamente ligado à fonoterapia. É inegável que os que usavam a língua de sinais não tiveram a mesma sorte do escritor surdo, praticamente considerados párias da sociedade, o que patenteia violência no sentido do desprezo à língua de sinais.

3.6 Educação

A ideia desta categoria é buscar compreender a Educação de Surdos dos anos 60, através das crônicas de Guimarães selecionadas e analisadas. Atualmente, a Educação de Surdos ainda está avançando e já se comprovou cientificamente a língua de sinais como a melhor alternativa para surdos, bem como o

bilinguismo educativo, tendo a Libras como a primeira língua e o Português escrito como segunda língua, inspirado no sucesso da modalidade educativa nos EUA²⁴.

O trecho de uma das crônicas selecionadas para esta categoria, chamada “Enfim, o artigo 91!”, faz referência à permissão legal do ingresso dos surdos ao curso ginásial²⁵, na escola Dom Pedro II, indicando que apenas no final da década de 50 os surdos tiveram direito a concluir seus estudos, no que é equivalente hoje ao Ensino Fundamental:

Os surdos cariocas estão de parabéns! Agora eles podem fazer finalmente, o curso ginásial por meio do Artigo 91, em 2 ou 3 anos, devendo prestar exames no Colégio D. Pedro II. Uma notícia que recebemos com satisfação. Já era tempo... Depois de superar o problema de linguagem, os alunos surdos, com a assistência permanente de professores especializados, não encontrarão dificuldades e, certamente provarão que podem vencer por si mesmos. Não lhes faltam inteligência e capacidade. Aliás, não esqueçamos que, nos dias de hoje, a instrução se torna indispensável e que, para isso, a força de vontade é a melhor arma para se obter tudo na vida. (GUIMARÃES, 1961, p. 41, publicado originalmente no *Shopping News*, do Rio, em 26/04/1959).

Nesta sua crônica, Guimarães defende que os surdos devem continuar estudando para, como ele disse, garantirem um futuro brilhante. A despeito disso, o ponto de vista da Educação de Surdos dele seria diferente se ele tivesse ido estudar nos EUA, na universidade voltada para surdos, *Gallaudet College*, o que de fato foi desconsiderado diante de sua convocação para o Ministério da Fazenda. Em sua crônica “*Gallaudet College*” ele não deixa de elogiar a infraestrutura da mesma:

Em Washington, nos Estados Unidos, funciona desde 1864, uma universidade para deficientes da audição, de ambos os sexos – GALLAUDET COLLEGE. Provavelmente, é a única na América. O seu primeiro presidente foi o Sr. Edward Miner Gallaudet, que ocupou o cargo até o ano de 1910; em seguida, veio o Sr. Pereival Hall, no período de 1910 a 1945. O atual presidente é o Sr. Leonard Elslad. Com referência ao ensino, o método norte-americano difere um pouco do adotado no Brasil. Lá, as aulas se iniciam no mês de agosto. Os cursos superiores, ministrados pelo mencionado estabelecimento, são muitos e podem ser citados alguns deles: Biologia, Química, Física, Ciências Econômicas, Sociologia, Psicologia, Biblioteconomia, Filosofia, Contabilidade, Línguas e Artes. Logicamente, há os cursos primário e secundário que dão acesso aos cursos universitários, como em qualquer parte do mundo. Poucas pessoas sabem que, segundo o programa de Gallaudet College, são distribuídas

²⁴<http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n4/ARTIGO-PRISCILA.pdf>

²⁵Equivalente ao Ensino Fundamental, porém, dos quatro anos finais, ou seja, da quinta até oitava série.

bolsas de estudo, quando solicitadas com antecedência, aos que dispõem de pequenos recursos financeiros. (GUIMARÃES, 1961, p. 63, publicado originalmente no *Jornal das Moças*, em 24/03/1960).

O conhecimento de Guimarães sobre *Gallaudet* evidencia a rede de informações na qual o autor estava inserido. Sánchez (1990) explica sobre o funcionamento das escolas de surdos, na metade do século XX²⁶, e faz referência a *Gallaudet*, que proporcionava níveis avançados de Educação para Surdos:

Durante la primer mitad del siglo XX, la mayor parte de las escuelas de sordos funcionaron por iniciativa privada o sostenidas por instituciones benéficas – sociedades de amigos de sordos y ciegos, congregaciones religiosas, etc. – contando con mayor o menor apoyo por parte del Estado. Por regla general, se procuraba que el sordo, desde el punto de vista académico, recibiese una formación elemental, y desde el comienzo se lo orientaba vocacionalmente hacia el campo laboral. Con la sola excepción del Gallaudet College en los Estados Unidos, no estaba contemplada la enseñanza secundaria en instituciones especiales, salvo para aquellos que, con más pena que Gloria, podían incorporarse al sistema de educación regular, en institutos para oyentes. (SÁNCHEZ, 1990, p. 103)

Os primeiros anos do século XX foram traumatizantes para a comunidade surda, e até então, é uma memória triste inapagável. Sánchez, especialista em história dos surdos, teve o cuidado de mostrar as memórias tristes da comunidade surda, vividas durante a primeira metade do século XX. As torturas linguísticas desde então são consideradas imperdoáveis, apesar do oralismo ter sido visto como a melhor solução para aproximar o surdo da sociedade majoritária. O passado da surdez, que foi oprimida pela ignorância majoritária, pode ser chamado de memória torturada, dada a origem dos que representavam a devida ignorância a respeito da diversidade da surdez no início do século XX. Atualmente, essa ignorância permanece, mas com menos força, tendo em vista a visibilidade da diversidade da surdez através dos meios interativos virtuais como Facebook depois do Orkut,

²⁶Traduzido do espanhol para o português por mim: Durante a primeira metade do século XX, a maior parte das escolas de surdos funcionou por iniciativa ou sustentada por instituições benéficas – sociedades de amigos de surdos e cegos, congregações religiosas, etc. – contando com maior ou menor apoio por parte do Estado. Pela regra geral, se procurava que o surdo, a partir do ponto de vista acadêmico, recebesse uma formação elementar, e desde o começo se o orientava vocacionalmente fazia o campo laboral. Com a única exceção do Gallaudet College nos Estados Unidos, não estava contemplada a educação secundária em instituições especiais, salvo para aqueles que, com mais pena que glória, podiam se incorporar ao sistema de educação regular, em institutos para ouvintes. (SÁNCHEZ, 1990, p. 103)

mesmo que haja outras batalhas antes da existência da internet, no entanto, as redes sociais aproximam as lutas surdas à sociedade majoritária.

Em sua crônica, Guimarães fez um apelo ao governo a respeito da distribuição de bolsas aos surdos pobres:

A solução será promover uma campanha gigantesca, contando com a boa vontade do governo, a nosso favor. Se houvesse possibilidade de criar bolsas de estudo para surdos pobres, seria um passo ideal. Em diversos Estados do País, há algumas escolas de caráter particular, nas quais é proibido o uso da mímica. Os seus diretores e educadores aprovariam unanimemente o plano acima referido, o qual beneficiaria dezenas de deficientes da audição, que se acham na idade escolar. Em nome dos meus companheiros menos afortunados, desejo dirigir um apelo ao sr. Clóvis Salgado, ministro da Educação, e o ao prof. Anísio Teixeira, director do “Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos”, que se interessassem pela sorte dos surdos que necessitam de apoio financeiro e moral, concedendo-lhes regalia idênticas às de outros estudantes, por exemplo, distribuindo bolsas de estudo, na finalidade de dar-lhes um futuro garantido. (GUIMARÃES, 1961, p.43). Publicado originalmente no *Shopping News*, do Rio, em 26/04/1959.

3.7 Línguas de Sinais

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é usada por surdos brasileiros há muito tempo. Lebedeff e colaboradores (2012, p.232) citam Diniz (2011) que relata que registros históricos indicam a existência de uma Língua de Sinais Brasileira autóctone, que entrou em contato com a Língua de Sinais Francesa a partir de 1855, com a vinda de um professor surdo francês, Eduard Huet, para fundar o que é hoje o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, localizado no Rio de Janeiro, capital do Império, na época. Entretanto, assim como em muitos países, a língua de sinais usada pelos surdos brasileiros esteve proibida nas escolas a partir do Congresso de Milão, ocorrido em 1880, que definiu marcos para a Educação de Surdos que perduraram até finais do século XX.

No Brasil, as escolas proibiam seu uso, coibindo a Libras, inclusive, com castigos físicos (STROBEL, 2008, p.49). Esta proibição e a equiparação de usuários de línguas de sinais com “macacos” intimidavam os surdos, tencionando uma concepção inferiorizada da surdez:

Uma escola de surdos de uma cidade no interior do Paraná, nesta época, colocava quadros de macacos orelhudos e feios em todas as salas de aulas para intimidar as crianças surdas, quando elas se comunicavam em língua de sinais, os professores ligeiramente apontavam para o quadro comparando-as e elas ficavam assustadas com a imagem e se emudeciam (STROBEL, 2008, p. 50).

O texto de Guimarães apresenta uma concepção da língua de sinais depreciativa, refletindo a concepção da Libras na época:

Provavelmente os leitores não sabem qual é a diferença entre “surdos-mudos” e “surdos-falantes”. Os primeiros não falam, só se expressam por meio da mímica, ao passo que os últimos aprendem a falar e a ler os lábios... (GUIMARÃES, 1961, p. 19, publicado originalmente no *Shopping News*, do Rio, em 25/05/1958).

Durante muito tempo, a língua de sinais foi vista apenas como um conjunto de gestos icônicos, ou como um código, utilizado por um grupo de pessoas “com problemas”. Entretanto, a partir da segunda metade do século XX, estudos de fonologia, principalmente os de Stokoe, demonstraram que as línguas de sinais eram mais que conjuntos de simples gestos: são línguas estruturadas. Stokoe foi um dos primeiros pesquisadores a analisar a formação dos sinais, sendo que sua publicação *SignLanguageStructure*, de 1960, até hoje é obra de referência (MAHER, 1996, p. 24). Quadros (1997, p. 47) explicita que as línguas de sinais são sistemas linguísticos que passaram de geração em geração de pessoas surdas e não são derivadas das línguas orais, mas fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo - oral, mas o canal viso-espacial.

Jorge Sérgio Guimarães apresenta o Hino ao Surdo Brasileiro, na crônica de mesmo nome, com letra de Astério de Campos e música de Ana Rimoli de Faria Doria, na época diretora do Instituto Nacional de Educação de Surdos. A seguir, dois refrões do hino que foi entoado na II Olimpíada Nacional de Surdos, e mostra a compreensão da época sobre a Libras:

Não mais o ensino antiquado
Nos simples dedos das mãos;
Com um processo avançado,
Salvemos nossos irmãos!

Os mudos podem falar!
São, de certo, iguais a nós;
Compreendem pelo olhar.
Aos surdos não falta a voz.

(GUIMARÃES, 1961, p. 35, publicado originalmente em *Shopping News*, do Rio, em 28/12/1958).

Assim como a exaltação ao hino, outros excertos de crônicas possibilitam a compreensão de que Jorge Sérgio Guimarães não aceitava a língua de sinais, reproduzindo os discursos vigentes sobre os efeitos “nefastos” da mesma no desenvolvimento de pessoas surdas, como podemos conferir no texto “A surdez não é obstáculo”:

Não querendo ferir a sensibilidade dos que não puderam aprender a falar, sou contra o uso do alfabeto manual, tão empregado neste país. Sugiro que ele deva ser eliminado para o bem das futuras gerações, pois, não tem mais valor educacional, por se tratar de processo antiquado. Digo que ele só serviria para prejudicar a expansão do “método oral”, que oferece à criança surda-muda a possibilidade de falar, dentro de 2 ou 3 anos de assistência, dada por um professor especializado, além da leitura labial, elemento imprescindível para uma conversação (GUIMARÃES, 1961, p. 85, publicado originalmente no *Jornal das Moças*, em 30/6/1960).

Para os autores atuais, a Libras é determinante na construção da identidade surda. Muitas memórias linguísticas de infância mostram o sentimento de isolamento do surdo no mundo até poder encontrar com a comunidade surda, com a língua de sinais e, conseqüentemente, com todas as possibilidades de compreensão de mundo que uma língua permite (LEBEDEFF, 2006, p. 48).

3.8. Língua Portuguesa

Esta categoria tem como objetivo buscar compreender se a Língua Portuguesa era relevante para os surdos na época de Guimarães, já que a língua de sinais era proibida. Os excertos selecionados indicam que o uso da Língua Portuguesa era um recurso indispensável para melhorar a vida dos surdos no meio da sociedade majoritária, apesar de a mímica ser uma espécie de auxílio, bem ao contrário da atual época em que a Libras é um recurso de extrema importância, bem como a Língua Portuguesa.

O trecho da crônica intitulada “Podemos fazer teatro?”, ressalta que os surdos têm condições de fazer teatro, independente da língua:

Convém assinalar que cada palavra do texto era “declamada” através do alfabeto manual. Em julho último, tive oportunidade de assistir, no teatro de bolso, da Praça General Osório, todas as pantominas de Don Diego Cristian e Wanda Cristikaya, apresentadas pelo “Teatro Brasileiro de Mímica”. Esses artistas jovens e talentosos causaram-me vivo interesse, pois, como era de esperar, não diziam uma só palavra. Suas próprias fisionomias e gesticulações pareciam dominar o ambiente. Então, convenci-me de que muitos surdos brasileiros poderiam revelar as suas qualidades artísticas, na arte dramática, no “ballet” ou na pantomima. (GUIMARÃES, 1961, p. 54, publicado originalmente no *Shopping News*, do Rio, em 23/8/1959).

O próprio cronista sabia que nem todo surdo poderia se comunicar oralmente em Português, ou que poucos surdos conseguiriam se comunicar em Português falado. Portanto, ele fez questão de apoiar a ideia de que os “surdos falantes” e “não-falantes” fizessem teatro. Em seu artigo, em parceria com Karnopp, publicado no livro intitulado *Leitura e Escrita no contexto da diversidade*, Pereira, do ponto de vista da linguística, defende que a língua de sinais possui as mesmas funções da língua falada, aspecto que não foi contemplado na época de Guimarães:

A língua de sinais preenche as mesmas funções que a linguagem falada tem para os ouvintes. Como ocorre com as crianças ouvintes, espera-se que a língua de sinais seja adquirida na interação com usuários fluentes da mesma, os quais, envolvendo as crianças surdas em práticas discursivas e interpretando os enunciados produzidos por elas, insiram-nas no funcionamento dessa língua. (PEREIRA; KARNOPP, 2004, p.35)

Apesar da crença de Guimarães na possibilidade dos surdos fazerem teatro, mesmo sem saber o Português, o equívoco central de sua época foi o de não repensar a reinserção da língua de sinais pelo acato ao método oralista. Da mesma forma, a linguística do surdo tampouco foi discutida, pois a preocupação dos educadores dos anos 50 e 60 estava em aprimorar o Português dos surdos, através de sessão de fonoaudiologia ao invés de estimular a capacidade de se expressar de outra maneira linguística, conforme Guimarães escreveu em sua mensagem de gratidão:

No transcorrer da minha existência, tive excelentes preceptores, principalmente a minha devotada amiga Sra. Hilda Werneck, responsável pela maior parte da minha formação, com quem estudei durante mais de 10 anos. Embora não fosse considerada especializada na educação de surdos, ela sempre foi uma grande mestra para mim, pois nunca permitia que eu conhecesse o alfabeto manual, por julgá-lo inadequado para o contato humano. Proporcionando-me os primeiros passos para me ensinar a falar, através dos lábios, D. Hilda me animava a redigir composições sobre quaisquer temas, o que provocou em mim enorme entusiasmo pelo jornalismo. Eu não poderia deixar de exaltar a admirável obra pedagógica do prof. Geraldo C. Albuquerque que vem fazendo em prol das crianças surdas, não me esquecendo, também, de muitos outros que cooperaram orientando-me no estudo de várias matérias, assim como no aperfeiçoamento da minha fala. De cada um deles, conservo uma recordação especial, pois todos eles me deram conselhos muito úteis, o que contribuíram para realizar as minhas aspirações.(GUIMARÃES, 1961, p. 100, publicado originalmente no *Jornal das Moças*, em 29/9/1960).

Esse trecho indica que o escritor surdo via a Língua Portuguesa com relevância comunicativa, tanto na fala quanto na escrita, o que o tornou aspirante a escritor. Pelo teor da crônica, ele ignorou o tempo que havia consumido para aprender a fazer inúmeras sessões de fala, o que atualmente muitos considerariam uma “atividade equivocada” para surdos que não têm como desenvolver a fala por terem adquirido a Libras ou terem se encontrado na mesma língua. Karnopp e Pereira defendem o respeito às particularidades de surdo:

Em se tratando de crianças surdas, a crença na dificuldade em discriminar auditivamente os fonemas parece responder, ainda hoje, por muito tempo gasto em treinamento auditivo e de fala. Treinam-se os fonemas, as sílabas e os vocábulos que serão depois trabalhados na escrita. Além disso, pelo fato de vir de famílias ouvintes, a maior parte das crianças surdas, embora chegue à escola com uma linguagem constituída na interação com as mães ouvintes, não apresenta uma língua na qual possa se basear na tarefa de aprender a ler e a escrever. Assim, sem uma língua constituída, a criança surda inicia o seu processo de alfabetização, o que, ainda na maioria das escolas, se dá por meio do ensino de vocábulos, combinados em frases descontextualizadas. O distanciamento das práticas de leitura e de escrita, somando a pouca ou nenhuma familiaridade com o português, resulta em alunos que sabem codificar e decodificar os símbolos gráficos, mas que não conseguem atribuir sentido ao que leem. (KARNOPP; PEREIRA, 2004, p.35)

A constituição de uma língua depende da educação que criança surda recebe de seus pais, ao passo que as alternativas pedagógicas e médicas são estudadas para efetuar sua escolha.

A princípio, diferentemente do caso de Guimarães, pela razão de a sua família ser de classe alta, hoje em dia, o conforto linguístico de surdo deve ser respeitado ao invés de ser submetido a atividades indesejáveis, privilegiando ações nas quais a aquisição da língua deve ocorrer.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante muito tempo, o escritor surdo permaneceu desconhecido para a maioria dos participantes da comunidade surda brasileira contemporânea. É importante compreendê-lo como um autor que, ao registrar sua história, através da literatura, possibilitou recuperar a memória da surdez nas décadas de 50 e 60 do século XX, no Brasil. O processo desta pesquisa buscou trazer à tona sua obra e divulgá-la para que os que atuam na área de surdez conheçam o escritor e compreendam um pouco mais sobre a história da surdez no Brasil.

No início, o objeto investigado representou uma tarefa complicada devido à falta de materiais sobre o autor. Entretanto, com o passar do tempo, e com as viagens em busca de informações, o objeto tornou-se mais aberto para obter respostas. Compreendeu-se que o escritor surdo, explicitamente incompreendido tanto pela sociedade ouvinte como pela comunidade surda, acreditou que escrever crônicas sobre o cotidiano da surdez era a melhor forma de registro de seu dia-a-dia de surdo, mas, infelizmente, seu trabalho foi pouco disseminado. Esta pesquisa contribuirá, acredita-se, para a divulgação de seu trabalho.

As categorias analisadas revelaram a relutância de Guimarães em relação à língua de sinais, a qual ele foi instruído a desacreditar como instrumento linguístico, revelando, também, a frustração do mesmo por não conseguir crescer tanto socialmente quanto profissionalmente devido às dificuldades de comunicação, já que o status de ser surdo oralizado não resolve os limites de comunicação. Em suma, Guimarães recorreu à escrita para registrar o cotidiano da surdez da sua época.

Os textos autobiográficos de Jorge Sérgio Guimarães utilizam sempre pronomes pessoais de primeira ou terceira pessoa, indicando que está falando de si mesmo e do coletivo dos surdos. Na década de 60, iniciaram os primeiros estudos e indicativos de que a língua utilizada pelos surdos não era apenas formada de mímicas, mas sim uma língua constituída. O conceito de surdez, então, era de uma situação incapacitante e limitadora. Frente a isso Jorge Sérgio incita os surdos a estudarem, utilizando como exemplo a Universidade de Gallaudet, nos EUA; questiona o impedimento legal dos surdos de dirigirem carros, dando exemplos de outros países; salienta a importância de que os surdos sejam oralizados para que tenham sucesso escolar e profissional.

É sabido, através de suas crônicas, que o autor não chegou a conhecer a Universidade de Gallaudet e nem ter contato com o uso fluente da Língua de Sinais nos Estados Unidos. Seu parâmetro de surdez e língua de sinais era formado pelo contato com surdos brasileiros, pelas representações de surdez então correntes no Brasil, e por informações que lhe chegavam através de viajantes e de material impresso. Seus escritos são uma fotografia de um período no qual os surdos eram vistos como doentes que deveriam ser “normalizados”. Sua importância para a comunidade surda atual refere-se ao seu papel de cronista surdo da história dos surdos nas décadas de 50 e 60 no Brasil. Ou seja, Jorge Sérgio Guimarães não escreve no lugar do outro. Ao falar de si, da sua surdez e das representações de surdez vigentes na época, tem-se o registro de uma memória que deve ser compreendida e problematizada.

Guimarães representa, para a minha trajetória de escritor, pela sua eloquência, o que há em poucos surdos aspirantes a escritor na atualidade, uma vez que nos diferenciamos em termos de estilo e de representações. Em Silva (2000), a identidade de Guimarães foi influenciada pela imposição ouvintista e a minha, no atual contexto linguístico e social, pelo uso de diferentes meios linguísticos e comunicativos. Entretanto, a surdez dele decerto servirá de reflexão para muitos, especialmente sobre como na época dele havia o desconhecimento sobre a surdez, e também, de exemplo para surdos em relação à importância da cultura escrita.

Os textos de Guimarães permitem compreender as contraditórias representações de surdez da época, pois, ao mesmo tempo que discutem o fracasso da educação ou da situação dos surdos “não-falantes”, exalta a medicina e as possibilidades de cura da surdez.

De acordo com Lebedeff e Rosa (2013, p. 133) analisar a memória de grupos estigmatizados, considerados como diferentes, permite analisar as representações, explícitas ou não, que levaram ao alijamento desses grupos pelo grupo social majoritário e, possibilita compreender as memórias e identidades que se forjam na situação de exclusão. Nesse sentido, Félix ressalta que:

Estudar memória, entretanto, é falar não apenas de vida e de perpetuação da vida através da história; é falar, também, de seu reverso, do esquecimento, dos silêncios, dos não-ditos, e, ainda, de uma forma intermediária, que é a permanência de memórias subterrâneas entre o esquecimento e a memória social. (FÉLIX, 1998, p. 45)

O livro de Jorge Sérgio Guimarães é uma preciosidade da história e da memória dos surdos brasileiros e, muito ainda tem a contribuir para compreender a surdez nas décadas de 50 e 60, do século XX no Brasil.

Guimarães, agora reapresentado por esta pesquisa, merece estar registrado na literatura surda, e também na brasileira, por ser considerado um exímio escritor de textos crônicos e jornalísticos.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da história**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo-SP: Editora Contexto, 2005.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: Dilemas da Subjetividade Contemporânea. Rio de Janeiro-RJ: Editora UERJ, 2010.
- ARFUCH, Leonor. **Memoria y Autobiografía**. Exploraciones en los límites. Buenos Aires: Editora Fondo de Cultura Económica, 2013.
- ARFUCH, Leonor (org). **Identidades, sujetos y subjetividades**. Buenos Aires: Editora PrometeoLibros, 2005.
- BARTHES, Roland. **Introdução à análise estrutural da narrativa**. In: _____. Análise estrutural da narrativa. 5. Ed. Seleção de ensaios da Revista "Communications". Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1993.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004.
- BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Narradores de Javé: a memória entre a tradição oral e a escrita**. Porto Alegre, 2006. Disponível em: www.museu.ufrgs.br. Acesso em: 24 jun.2015.
- BOBBIO, N. **Os intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo, Editora da UNESP, 1997.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. **Vida Escrita**. Rio de Janeiro-RJ: Editora 7Letras, 2006.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, Identidade e Narrativa: Elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, nº 19, p. 283-302, julho de 2003.
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 6.ed. São Paulo-SP: Editora Ática, 1995.
- CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Oeiras: Editora Celta Editora Ltda, 1999.

DALL'ORTO, F.C. **A comunicação comunitária como registro da memória social** (p. 21-30). Destarte V.2, n.2, 2012. Disponível em: <http://revistas.es.estacio.br/index.php/destarte/article/view/67>. Acesso: 16 fev 2015.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.

FÉLIX, L. O. **História e memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: UPF Editora, 1998.

FÉLIX, L. O. Política, memória e esquecimento. In: TEDESCO, J.C. (Org.) **Usos de memórias: política, educação e identidade**. Passo Fundo: UPF Editora, 2002.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Artmed, 2004.

GOMES, AniePerreiraGoularte. A invenção da cultura surda e seu imperativo no plano conceitual. In KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LAZZARIN, Márcia Lise Lunardi. **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Editora da Ulbra, 2011.

GONDAR, Jô. **Memória individual, memória coletiva, memória social**. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas. Rio de Janeiro, v. 8, n. 13, 2008. Disponível em: <http://www.unirio.br/morpheusonline/numero13-2008/jogandar.htm>. Acesso: 20 março 2015.

GUIMARÃES, Jorge Sérgio L. **Até onde vai o surdo**. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Tupy Ltda, 1961.

GUIMARÃES, Jorge Sérgio L. **Ânsia de amar**. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Vida Doméstica Ltda, 1977.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. Editora, 2002.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 1989.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. p.90-113.

KARNOPP, Lodenir; PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. Concepções de leitura e de escrita e educação de surdos. In: LODI, A.C.B; HARRISON, K.M.P (Orgs). **Leitura e escrita no contexto da diversidade**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.

LADD, Paddy. **Em busca da Surdidade**. Lisboa: Editora Surd'Universo, 2013.

LEBEDEFF, T.B. O que lembram os surdos de sua escola: discussão das marcas criadas pelo processo de escolarização. In: THOMA, A.S.; LOPES, M.C. (Orgs.) **A invenção da Surdez II: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos**. Santa Cruz: Edunisc, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ª ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2008.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória** – a cultura popular revisitada. 3a. ed. São Paulo: contexto, 1994.

MOTTA, L.M.V.M. **Guia de Orientação para Aplicação Pedagógica da Audiodescrição no Contexto Escolar**. Brasília: SEESP/MEC/UNESCO, 2011.

NEVES, Margarida de Souza. História e Memória: os jogos da memória. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). **Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador**. Rio de Janeiro: Access, 1998.

PERLIN, Gládis T.T. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

PERUZZO, Círcia M.K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. 3.ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2004.

POLLAK, Michael. **Memória, Olvido, Silêncio**. La Producción social de identidades frente a situaciones limite. Buenos Aires: Editora Al Margen, 2006.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas: Editora Papirus Editora, 1994.

SÁNCHEZ, C. M. **La increíble y triste historia de la sordera**. Caracas: Editorial Ceprosord, 1990.

STROBEL, Karin Lilian. **Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História**. Florianópolis, 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória**. Caxias do Sul: Editora UPF, 2004.

THOMA, Adriana da Silva. **O cinema e a flutuação das representações surdas: "Que drama se desenrola neste filme? Depende da perspectiva ..."** Porto Alegre, 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

ANEXOS

ANEXO-A**MODELO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) participante:

Sou estudante do curso de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Estou realizando uma pesquisa sobre a identidade e as memórias de autores surdos em Língua Portuguesa cujos objetivos são conhecer as relações identitárias linguísticas no processo de autoria e discutir as memórias linguísticas do período de letramento.

Sua participação envolve a realização de entrevistas que podem ser filmadas e/ou escritas.

Sendo entrevista filmada, você autoriza o chamado “material bruto” (isto é, registro da imagem em sua íntegra), assim como as obras criadas e/ou produzidas sejam disponibilizadas, ciente de que a titularidade dos direitos sobre o material audiovisual será atribuída aos professores pesquisadores.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador Diogo Souza Madeira ou pela orientadora, Prof^a. Dr^a. Tatiana Bolivar Lebedeff, email: tblebedeff@gmail.com.

Atenciosamente

Nome e assinatura do(a) estudante
Matrícula:

Local e data



Nome e assinatura da orientadora
SIAPE: 1652108

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do participante

Local e data

ANEXO-B

Letícia Botelho de Faria

Nome e assinatura da orientadora
SIAPE: 1652108

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma
cópia deste termo de consentimento.

Mirella Edonese Guimarães Luna Rio de Janeiro, 02 de março de 2015

Nome e assinatura do participante Local e data

ANEXO-C

Fátima Beluário Cabral
Nome e assinatura da orientadora
SIAPE: 1652108

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma
cópia deste termo de consentimento.

Luana Regina P. B. Belo Horizonte 2/26/15
Nome e assinatura do participante Local e data